



Os desafios das novas tecnologias para a universidade de hoje

INDICE

EDITORIAL	2
MATÉRIA DE CAPA	3
<i>Um novo modelo de gestão para a Universidade</i>	3
<i>A Unisinos é nova porque se renova</i>	7
Entrevista com Aloysio Bohnen	7
<i>O sonho humano deve se impor sobre a tecnologia</i>	10
Entrevista com Phillippe Quéau	10
<i>Mudar o sistema gradualmente, delimitando suas fases</i>	12
Entrevista com Guillermo Cepeda.....	12
<i>Usar o software livre é educar para a liberdade</i>	14
Entrevista com Richard Stallman	14
<i>A universidade não deve temer as parcerias</i>	17
Entrevista com Fredric Litto.....	17
DESTAQUES DA SEMANA	19
LIVRO DA SEMANA	19
VIRILIO, Paul. <i>Ville panique. Ailleurs commence ici</i> . Paris: Galilée. 2004.....	19
<i>Paul Virilio e a política do medo</i>	19
ENTREVISTA DA SEMANA	27
<i>Einstein: uma pessoa brilhante e afortunada</i>	27
Entrevista com Paul Davies.....	27

O CONCLAVE. PROSPECTIVAS	29
<i>Conclave pode eleger um santo.....</i>	29
Por Juan Arias.....	29
<i>Espaço para o diálogo.....</i>	31
Por João Batista Libânio.....	31
<i>João Paulo II: Balanço e perspectivas, segundo um teólogo leigo</i>	32
Entrevista com Faustino Teixeira.....	32
<i>O retrovisor polonês.....</i>	36
Por Antonio Flávio Pierucci	36
Notas.....	38
DEU NOS JORNAIS	40
FRASES DA SEMANA.....	45
EVENTOS IHU.....	46
ATIVIDADES DO TERRA HABITÁVEL VALEM COMO COMPLEMENTARES PARA ESTUDANTES DA UNISINOS	46
SALA DE LEITURA.....	47
IHU IDÉIAS	47
Do Big Bang à Inteligência	47
Direito: uma visão prático-humanista	48
Teologia do Diálogo Inter-Religioso.....	49
III CICLO DE ESTUDOS SOBRE O BRASIL	50
CICLO DE ESTUDOS SOBRE O BRASIL	50
CICLO DE ESTUDOS REPENSANDO OS CLÁSSICOS DA ECONOMIA	50
DIÁLOGO INTER-RELIGIOSO: DOS “CRISTÃOS ANÔNIMOS” ÀS TEOLOGIAS DAS RELIGIÕES ..	52
O VAMPIRISMO NO MUNDO CONTEMPORÂNEO	53
IHU REPÓRTER	53
CLEUSA ANDREATTA.....	53
SALA DE LEITURA.....	56
CARTAS DO LEITOR.....	57

EDITORIAL

*Na próxima quinta-feira, dia 14, ocorrerá a apresentação oficial do Projeto Sinergia, que está sendo implantado na Unisinos. Assinalando este momento significativo para os rumos da universidade, **IHU On-Line**, na sua matéria de capa, discute o significado do Projeto buscando ampliar a discussão sobre os desafios que as novas tecnologias fazem emergir para a missão da universidade no mundo contemporâneo.*

Para tanto, entrevistamos Cornélia Hulda Volkart, Aliomar Silva de Oliveira e Nelson Leonardo Restrepo Barros, responsáveis diretos pela implantação do novo sistema. O Pe. Aloysio Bohnen, Reitor da Unisinos, destaca a centralidade da formação integral

pela qual a Universidade optou, objetivo que se pretende alcançar cada vez mais, agora, com a ajuda e agilidade que proporciona o novo sistema de gestão. Guilherme Cepeda, da Universidade Javeriana da Colômbia, onde foi implantado o mesmo sistema, relata algumas das dificuldades lá enfrentadas. Philippe Quéau, diretor do setor de Informação e Informática da Unesco, ressalta que “a tecnologia é quase nada”, frente aos sonhos humanos e à luta para realizá-los. Sonhos que poderão ser aviltados, na opinião de Richard Stallman, conhecido pela sua defesa do software livre. Fredric Litto, coordenador científico do Núcleo de Pesquisa da Escola do Futuro, da USP, saúda a coragem das instituições universitárias de estabelecer parcerias, combatendo a idéia de que elas são “usadas” pelas empresas. E sustenta que as referidas instituições devem manter suas ofertas de conteúdo à população, sem descuidar das questões relativas à propriedade intelectual.

Nesta semana, o IHU propõe a apresentação e o debate da obra de Thomas Robert Malthus e David Ricardo e a discussão do tema *Uma visão prático-humanista do direito*. O primeiro evento será orientado pelo Prof. Dr. Gentil Corazza – UFRGS e, o segundo, pelo Prof. Dr. Antônio Carlos Nedel – UNISINOS. Os dois professores, respectivamente, serão os palestrantes do **IHU Idéias** e do **I Ciclo de Estudos Repensando os Clássicos da Economia**, previstos para o próximo dia 14, quinta-feira.

Na quarta-feira, dia 13 de abril, a Profa. Dra. Eloisa Capovilla da Luz Ramos, apresentará o livro **Da Senzala à Colônia** de Emília Viotti da Costa no **Ciclo de Estudos sobre o Brasil**, a ser realizado na Livraria Cultura de Porto Alegre.

Nesta edição, ainda, dedicamos uma seção para discutir perspectivas possíveis da Igreja Católica após o pontificado de João Paulo II. Reproduzimos artigos e entrevistas de João Batista Libânio, Faustino Teixeira, Flávio Pierucci, entre outros, que podem ajudar na compreensão da conjuntura eclesial.

Uma ótima semana e uma excelente leitura a todas e todos!

[\(Voltar ao índice\)](#)

MATÉRIA DE CAPA

UM NOVO MODELO DE GESTÃO PARA A UNIVERSIDADE

No próximo dia 14 de abril, às 14h, a Unisinos fará a apresentação oficial do Projeto Sinergia. Estarão presentes, na Galeria Cultural da Biblioteca da Universidade, autoridades governamentais, a imprensa gaúcha, a Reitoria da Unisinos, diretores, coordenadores de graduação e Programas de Pós-Graduação da Universidade, representantes de empresas parceiras do Projeto Sinergia e outras instituições de ensino. A solenidade, além de apresentar o projeto de Inovação em Gestão universitária, em andamento, haverá a cerimônia de implantação do Sistema de Gestão Integrada. Projeto Sinergia é o nome dado pela Unisinos ao Programa de Implantação do Sistema Integrado de Gestão (ERP¹) que foi adquirido da empresa Oracle

¹ ERP significa Enterprise Resource Planning, que é traduzido para Sistema Integrado de Gestão Empresarial. (Nota do IHU On-Line)

PeopleSoft. São diversos softwares de gestão que têm como principal característica a integração da maior parte das funções do negócio e a automatização dos processos operacionais, visando a tornar mais ágil e eficiente a instituição no que diz respeito à tramitação dos documentos e elaboração dos trabalhos, bem como na tomada de decisões estratégicas. As ferramentas de gestão também conferem maior solidez e confiabilidade da estrutura de informações e maior eficiência na comunicação com os diversos públicos da Universidade. A empresa Merithus, de Porto Alegre, participou do Projeto Sinergia como consultoria de implantação, e a Business Modeling, de São Paulo, como consultoria nas áreas de garantia da qualidade, mapeamento de processos e garantia da qualidade. Estas mudanças fazem parte de uma série de estratégias que a Unisinos vem realizando com o objetivo de potencializar sua missão de formação integral, buscando sintetizar dinamicamente tradição e inovação, valores essenciais, e encontrar um lugar na sociedade do conhecimento digital. Para tentar compreender um pouco mais estas mudanças pelas quais está passando a Universidade, conversamos com Aliomar Silva de Oliveira, gerente do Projeto Sinergia, e Cornélia Hulda Volkart, gerente da Gerência de Mudança. Conversamos também com Nelson Leonardo Restrepo Barros, colombiano, especialista em Student Administration², pela empresa Merithus, que tem experiência de implantação do ERP em mais de 12 empresas, entre elas a Universidade Javeriana, da Colômbia. A professora **Cornélia Hulda Volkart** é a responsável pela Gerência da Mudança no Projeto Sinergia. Formada em Psicologia pela PUCRS, é especialista em Metodologia do Ensino Superior, pela Unisinos, e mestre em Psicologia Social e da Personalidade pela PUCRS. **Aliomar Silva de Oliveira** é o gerente do projeto Sinergia na Unisinos. Bacharel em informática e pós-graduado em análise de sistemas, atua em informática há 16 anos, dedicando-se, nos últimos anos, à gerência de projetos e equipes. De 1997 a 2002, ocupou o cargo de Coordenador de Informática na Diretoria de Serviços de Informação da Unisinos. Desde 2001, faz parte da equipe de consultores do ESICenter Unisinos³. À frente de ensino do projeto, pela Equipe da Merithus Consultoria, está **Nelson Leonardo Restrepo Barros**, que auxilia na implantação da ferramenta PeopleSoft na Unisinos. Nelson Barros tem vasta experiência em implementação e desenvolvimento de ERP da PeopleSoft nos módulos dos sistemas financeiro, de distribuição, recursos humanos e gestão de estudantes. Ele presta assessoria e liderança técnico-funcional no processo de implementação do Sistema de Administração de Estudantes da PeopleSoft. É engenheiro de Sistemas pela Universidad del Norte, de Barranquilla, na Colômbia, e especialista em Student Administration, grau conferido pela Oracle Peoplesoft University. Desde 2003, trabalha na Merithus Consultoria, de Porto Alegre, como especialista no PeopleSoft. O trabalho de consultoria que presta hoje na Unisinos, já realizou, entre outros locais, na Pontificia Universidad Javeriana, de Bogotá, na Colômbia.

A necessidade de um novo modelo de gestão

A Unisinos vem realizando uma série de mudanças pensadas no seu planejamento estratégico. Especialmente destacam-se três movimentos integrados. A **estrutura administrativa** passou de um modelo mais hierárquico para um modelo mais horizontal que ainda está sendo consolidado. No **modelo pedagógico**, abandonou-se a estrutura disciplinar para um modelo orientado por programas de aprendizagens, o que dá uma flexibilidade maior e se aproxima mais da missão de formação integral da Universidade. Na última etapa, foi constatada a necessidade de mudar o **modelo de gestão**. “Era necessário inovar em gestão, porque o

² Grau máximo conferido pela Oracle PeopleSoft University, aos consultores que já realizaram diversos cursos oferecidos pela universidade. Student Administration pode ser traduzido por Gestão de Estudantes, na atividade de consultoria da implantação do programa ERP. (Nota do **IHU On-Line**).

³ O ESI (European Software Institute) é um dos institutos mais importantes do mundo na área de qualidade de software, atuando em projetos de pesquisa, consultoria e treinamento. Atualmente, o ESI conta com 50 funcionários e atua na Europa, Ásia e América Latina. O ESICenter passou a atuar em conjunto com a Unisinos a partir de março de 2002. Ele está vinculado à Unidade de Ciências Exatas e Tecnológicas e localizado fisicamente no edifício da UNITEC. O site do ESICenter Unisinos é <http://www.esicenter.unisinos.br/> (Nota do **IHU On-Line**).

modelo adotado no século XX não dava conta das demandas do século XXI”, explica a professora Cornélia. Segundo ela, a integração de todos os processos dentro da Universidade é o que proporciona o projeto Sinergia. “Ele inova em gestão, não é apenas um projeto de Tecnologias de Informação. Está a serviço da comunidade acadêmica como sistema integrado”, destaca. A professora explica que, em 2001, foi feita uma avaliação de todos os processos da Universidade, por meio da qual foi constatada a necessidade de uma otimização dos recursos e processos. “Fomos qualificando de tal forma que percebemos que, em termos de processos, temos que trabalhar sobre o indispensável. Não podemos gastar energia da instituição em burocracia, em atividades-meio, devemos potencializar a atividade-fim: a formação integral das pessoas. Os processos de matrículas, suprimentos, etc. são fundamentais, mas são atividades-meio e servem para que a atividade-fim seja excelente”, comenta.

A experiência de instalar seis produtos da PeopleSoft em dois anos é um fato que pode ser considerado sem precedentes, segundo os próprios envolvidos nas empresas parceiras da Universidade no projeto. Este fato gerou um certo estranhamento na comunidade universitária, a qual está sendo capacitada para dominar a ferramenta e compreender sua inclusão no novo processo.

Aliomar explica que houve uma decisão de realizar a implantação dessa forma com base em visitas feitas a outras universidades que já implantaram o *software*, analisando seus pontos positivos e negativos. “Todo processo de mudança gera um transtorno, um incômodo. Fazer essas mudanças de forma seqüenciada levaria de 6 a 10 anos. Em um tempo menor, atravessaríamos, mais rapidamente, as turbulências próprias das mudanças”.

O que muda?

Para o gerente, o modo como as engrenagens da Universidade funcionavam antes, era como um conjunto de motores um ao lado do outro. Atualmente, é um motor com engrenagens que se cruzam. “Os processos eram executados distantes de meu setor. Até aqui chega a minha função e, a partir daqui, começa a função da outra pessoa. Essa visão fragmentada e hierárquica é substituída por uma visão horizontal, ou de processo, onde eu sou compelido a ter uma visão completa do que estou fazendo”. Para exemplificar, Aliomar lembra que o trabalho, em cada setor, passa a ser visto de um modo diferente – e mais completo - por quem o executa. “O atendimento presencial a um aluno que vem fazer matrícula deve contemplar também as questões financeiras, sem ter de fazer o aluno dirigir-se a outra fila ou outro setor. Trata-se de que as coisas se resolvam ao máximo no lugar e momento em que elas nascem, onde elas acontecem”, salienta. Como ganhos, ele destaca a agilidade e a atenção no que é essencial. “Dessa forma, nos desgastamos menos com coisas que não são de nosso objetivo-fim”, disse.

Reação da comunidade universitária: o que está acontecendo com a Unisinos?

A professora Cornélia caracteriza a Unisinos com aquilo que faz uma comunidade acadêmica: a reação crítica ao invés da passividade. “É uma comunidade que naturalmente deseja participar, que naturalmente é crítica, não é uma comunidade que aceita passivamente tomadas de decisão e, por isso, é uma comunidade acadêmica”, salienta. Segundo ela, desde que foram anunciadas as três grandes mudanças, em novembro de 2003, a comunidade universitária sofreu um impacto com as medidas e as mudanças institucionais de envergadura desconhecida que foram acontecendo. “A sensação geral de professores, funcionários e alunos era ‘o que está acontecendo com a Unisinos’? Ela está inovando, está tendo a ousadia de dizer ‘não

precisamos fazer como todo o mundo faz, no mundo acadêmico; e isso gera um impacto”, afirma Cornélia em relação às primeiras mudanças implantadas durante 2004, na Universidade. Segundo ela, essa mesma percepção acontece agora, em relação ao uso da nova ferramenta. “Existe uma atenção muito grande, a comunidade faz questão de entender o que está acontecendo para participar mais efetivamente. Pela pressa e os prazos, tivemos que focar muito no treinamento do uso da ferramenta, nem todos foram trabalhados no sentido de entender os processos inteiros e sua participação no processo. Isso é missão para 2005”, afirma a professora. Ela explica que atualmente estão sendo treinados os pesquisadores. “Nossos pesquisadores estavam acostumados a que um bolsista ou outro funcionário fizesse o controle processual do projeto e agora impõe-se que ele mesmo seja o responsável pela inclusão de dados e acompanhamento direto do seu projeto de pesquisa, porque, como é um projeto integrado, ele tem acesso pleno e não pode delegar partes a outras pessoas. Está-se inovando na gestão, inclusive na relação do pesquisador com seu projeto de pesquisa, e isso incomoda um pouco, porque o pesquisador tende a identificar esses novos procedimentos como burocracia”, repara Cornélia. Segundo ela, na medida em que os pesquisadores vão entendendo a ferramenta e o quanto ela facilita a vida deles e os conecta com o mundo da pesquisa, vão aceitando o processo. “A resistência é natural pelo temor à mudança, há receio de não dar conta, precisamos novos saberes e novos procedimentos”, defende a pesquisadora.

Centralização e descentralização

Nelson Leonardo Restrepo Barros, colombiano, especialista em Student Administration, pela empresa Merithus, trabalha há quase oito anos com a PeopleSoft e, há um ano e oito meses, está trabalhando no projeto Sinergia. Acompanhou também o projeto de implantação da PeopleSoft na universidade Javeriana de Cali e Bogotá. Ele explica que o programa concentra as informações em um só ponto onde possam ser manejadas melhor, elas se concentram em um só bloco de informação. “Normalmente, há muitos sistemas que dificultam a visibilização dos fluxos reais de informação que há na Universidade. Estes instrumentos juntam a informação”, disse. O Sistema Integrado de Gestão (ERP) centraliza a informação, para que, de forma rápida e eficiente, se possam ter resultados de gestão da empresa. Os dados estão em um mesmo lugar de armazenamento. Nesse sentido, centraliza e otimiza a informação, mas é descentralizado no sentido em que o acesso é por Internet de qualquer ponto.

O que já foi feito?

O sistema está em produção há três meses, cada pessoa tem acesso de diferente forma segundo o papel que cada um tem na instituição. “Se sou aluno, entro direto na informação que me interessa, se sou professor, aparecem as turmas que tenho que avaliar, os horários, etc.”, exemplifica Nelson. Ele explica que já foram implantados quatro dos maiores produtos do ERP PeopleSoft, são eles: financeiro, projetos, recursos humanos e ensino. O engenheiro explica que estão em andamento a implantação do CRM⁴ e o EPM⁵, que fazem parte do trabalho do Projeto Sinergia em 2005.

O CRM permite a comunicação com os clientes: passar as informações, os planos de treinamento, etc. E o EPM fornecerá aos gestores informações consolidadas e de suporte à decisão.

⁴ Customer Relationship Management

⁵ Enterprise Performance Management.

Tempo de transição

Para Nelson, é natural que surja uma série de problemas para a adaptação ao novo projeto, considerando que a Universidade conta com funcionários que levam anos acostumados com uma rotina de trabalho que já dominavam e devem se readaptar a um outro modelo. “O novo assusta. As pessoas dizem, ‘antes conseguia fazer isso com três cliques em uma página, agora devo fazer bem mais’, mas na realidade na medida em que a pessoa vai entendendo o procedimento nota que aqueles cliques que deu a primeira vez não precisam ser repetidos. No sistema antigo, era preciso sempre dar o mesmo número de cliques, neste, os cliques são reaproveitáveis”, explica Nelson.

Novo perfil do trabalhador

Nelson garante que não é o novo sistema que gera desemprego. “Eu vejo que o sistema nunca substitui a pessoa, é a própria pessoa que se deixa substituir”, disse. Segundo ele, o que muda, às vezes, é o perfil das pessoas. “Para o CRM, precisam-se pessoas de marketing ou publicidade, isso acontece, mas não está ligado ao sistema e sim à gestão de mudança. Esses processos mudam o perfil das pessoas, dos processos e, até mesmo, da estrutura física da Instituição”, explica Nelson. Ele chama a atenção para a rapidez com que a Unisinos realizou este processo de implantação. “Costuma-se chamar de big-bang esse fenômeno de instalar todos os produtos em um tempo recorde. Na Universidad Javeriana, foi muito diferente, o que se pode constatar, olhando para os recursos humanos envolvidos em ambas: a Javeriana envolveu, nos momentos de maior trabalho 30 pessoas, a Unisinos, 130 e, em seus momentos de menor trabalho, mais de 60 pessoas”, relata o colombiano.

Unisinos-PeopleSoft

O engenheiro considera que há uma boa parceria entre a PeopleSoft e as universidades jesuítas⁶. “Os jesuítas têm uma visão empresarial muito forte junto com valores de humanismo social cristão de valorização da pessoa humana. Este *software* é voltado para o relacionamento com o indivíduo. A relação entre as duas empresas é muito amigável”, afirma. Segundo ele, a dificuldade que apresentaria a aquisição de um programa mais comunitário, como os *softwares* livre, estaria na questão desses programas serem livres e abertos ao uso de todos. “Aqui é necessário cuidar da informação, o sistema oferece uma segurança que está respaldada pela Oracle PeopleSoft e, ao mesmo tempo, oferece a liberdade própria da Internet”, salienta.

[\(Voltar ao índice\)](#)

A UNISINOS É NOVA PORQUE SE RENOVA

Entrevista com Aloysio Bohnen

*O projeto Sinergia permitirá “fazer melhor aquilo que sonhamos”. Assim o Pe. Aloysio Bohnen, Reitor da Unisinos aborda à implantação do referido projeto, definindo-o como uma adaptação ao “novo meio que vai agilizar e nos renovar”. O Prof. Dr. Pe. Aloysio Bohnen, concedeu ao **IHU On-Line**, em seu gabinete, a entrevista que segue, sobre a visão da Unisinos em relação ao projeto Sinergia. Graduado em Filosofia, em Ciências Econômicas e em Teologia, Bohnen é também padre jesuíta. Fez doutorado em Ciências Sociais na Pontifícia Universidade Gregoriana, da Itália. Sua tese intitula-se **A Dignidade da Pessoa Humana e sua***

⁶ Além da Unisinos, duas universidades jesuítas também utilizam ambientes PeopleSoft no gerenciamento de seus sistemas de gestão. São elas, a Santa Clara University e a Georgetown University, dos Estados Unidos. (Nota do **IHU On-Line**)

Fundamentação Filosófica Social no Pensamento de Gustav Gundlach. O reitor da Unisinos foi presidente da Associação Brasileira de Universidades Católicas (ABESC). Ele é autor de diversas obras, com Reinhold Ullmann, entre as quais citamos **Educação - incumbência da família, da Igreja e do Estado.** São Leopoldo: Unisinos, 1986; **Inácio de Loyola.** São Leopoldo: Unisinos, 1991; **A Universidade - das origens à renascença.** São Leopoldo: Unisinos, 1994.

IHU On-Line – Como se contextualiza o surgimento do projeto Sinergia na série de mudanças que a Unisinos está fazendo?

Aloysio Bohnen – A Unisinos definiu a sua missão, que é o desenvolvimento integral da pessoa humana. Esse é o ideal para o qual nós nos sentimos impulsionados. É o nosso *leitmotiv*, o desejável. E o desejável sempre é do imaginário, portanto é perfeito. E esse sonho, esse ideal que se persegue, nunca vai acabar, porque, no dia em que terminasse, não seria mais a Unisinos. É algo que sempre se persegue. Este é o horizonte para o qual nós nos dirigimos, a missão. Como vamos atingi-la? A missão nos objetiva e para a alcançarmos nós precisamos mediatizar, estar com os pés no chão e caminhar sem perder o rumo. As coisas todas acabam sendo meios para atingir o fim. Na hora em que nós paramos na caminhada e perdemos o horizonte, nos fossilizamos, morremos... A vida se promove, se impulsiona, em função do sonho, do ideal. Para isso, nós nos mediatizamos. Isso significa que nós estamos como criaturas no real. Vivendo no mundo real, constantemente nós o diagnosticamos, o conhecemos, o analisamos. E ao fazer o diagnóstico da realidade, nós fazemos o prognóstico, que nos diz o que provavelmente vai ser amanhã. E não nos conformamos com o provável. Queremos atingir o desejável. Por isso, temos que interferir e traçar rumos, fazer objeções e fazer opções, para podermos melhor atingir esse objetivo. A ciência avança, a tecnologia nos traz novidades e temos que estar sempre atentos. Percebemos que aparece uma nova tecnologia que pode nos ajudar a atingir melhor o nosso objetivo. Só que temos que ver se somos capazes e se temos os recursos para abraçar essa tecnologia. Isso significa que temos que morrer para os meios que antes nos sustentavam, e isso é difícil, porque construímos a casinha e não queremos mais sair. Construímos uma casa nova e temos que mudar. Estamos abraçando um novo meio para podermos, com melhor condição, atingir o nosso objetivo. Precisamos mudar e deixar coisas que antes davam sustentação e hoje não dão mais. As novas circunstâncias dão a sustentação. O projeto Sinergia não é nada mais do que adaptar-se ao novo meio que vai agilizar e nos renovar para podermos fazer melhor aquilo que nós sonhamos: transformar isso em realidade.

IHU On-Line – Quando se começou a pensar em todas essas mudanças e quando está previsto encerrá-las?

Aloysio Bohnen – A missão, nós formulamos em 1991, quando não existiam essas tecnologias, que vão surgindo. Como nós não estamos presos a tecnologias específicas, porque queremos caminhar em direção a essa missão, surgiu essa possibilidade de mudança. Algumas pessoas percebem que essa é uma ferramenta excelente, e a Universidade decidiu implantá-la para agilizar os seus processos, inspirar mais segurança, libertar os colaboradores de outros trabalhos que se tornam desnecessários. Então nós a abraçamos e estamos implantando-a. Amanhã podem surgir outras coisas, não estamos apegados às ferramentas.

IHU On-Line – Ou seja, o que realmente se torna algo inamovível na Universidade é a missão de formação integral, formulada na década de 1990?

Aloysio Bohnen – Sim. Nós nunca vamos terminar com a formação integral da pessoa humana. Na hora em que alguém diz que está plenamente realizado, esse alguém tem que ser

levado para o cemitério, porque ele não tem mais o que fazer. Nós sempre sabemos que podemos ser mais sociais, mais econômicos, mais morais, mais religiosos, mais políticos, mais históricos, mais estéticos, mais éticos... Temos dimensões que sempre podemos desenvolver. Se há uma dimensão que não desenvolvemos, é porque estamos atrofiados. Esse objetivo nós nunca podemos perder. Ele nos impulsiona, nos faz nos tornar permanentemente jovens. A Unisinos é nova, porque se renova. Significa que ela vive uma quadra da história, em que as circunstâncias lhe dão vida. Só que essas circunstâncias, de repente, não dão mais a vida que novas modalidades oferecem. Então nós precisamos criar e dar equilíbrio, construindo as novas condições de equilíbrio. Quem vai transitar? O sujeito, o essencial, no caso a comunidade universitária, que tem que transitar de uma situação de desequilíbrio para uma nova condição de equilíbrio. Isso significa caminhar. Temos que procurar o que nos torna mais justos, mais seres humanos, e não nos escravizar aos meios e às circunstâncias. Temos que transitar. Somos os sujeitos que precisamos caminhar, apesar da nossa tendência de termos construído a casa e agora podermos descansar. Nós não somos definitivos aqui.

***IHU On-Line* – Como concretamente o projeto Sinergia e o software da PeopleSoft contribuem no conceito de universidade que a Unisinos procura construir?**

Aloysio Bohnen – Na realidade, a Universidade é uma permanente construção. Ela nunca vai acabar e, quando acabar, não será mais universidade. Hoje, 2005, a Unisinos é Unisinos, porque está implantando esse projeto Sinergia, que é a integração dos processos, para facilitar em tudo e para os nossos jovens acadêmicos e professores poderem aprender. Seria, de certa forma, uma traição se não oferecêssemos o que há de melhor. É essa a dinâmica.

***IHU On-Line* – Como o senhor vê que a comunidade universitária está percebendo esse processo de mudança? Quais seriam as maiores dificuldades?**

Aloysio Bohnen – Percebemos que os jovens se entusiasmam com a novidade e têm rapidez em dominar as novas tecnologias. Percebemos que professores mais ansiosos aprendem logo. Pessoas, com certa idade, confundem, muitas vezes, prudência com acomodação e ficam com o “pé atrás” diante da novidade, porque não têm mais o *élan* de abraçar o novo. Então torcem o nariz. Alguns acham que é um fracasso, que não é mais a Unisinos. Só pela experiência é que eles vão começar a crescer e ver que é assim. É como alguém que constrói a sua casa e está vivendo bem com lampião a gás, fogão a gás, fogão a lenha, e, de repente, alguém vem e diz que existe energia elétrica. A pessoa responde que está bem em sua casa. Por que mudar se está satisfeita? Só que ela poderia estar muito melhor se puxasse uma rede elétrica, se substituísse o fogão a lenha, tivesse um televisor. Muitas vezes, as pessoas se satisfazem e reagem, porque não conhecem o novo. Eu vi, na Universidade de Sofia, no Japão, doutores usando máquina de escrever enquanto os computadores estavam cheios de poeira. Se eles conhecessem o uso do computador, soubessem que o carbono é desnecessário, que o texto poderia ser corrigido na hora que quisessem e o tempo que ganhariam... Mas mantêm distância do novo e, conforme o ambiente, até falam mal disso. Eles revelam que não têm mais o *élan* para o novo.

***IHU On-Line* – Não apresenta problemas o fato de uma universidade de caráter comunitário como a Unisinos, trabalhar com uma empresa multinacional como a Oracle PeopleSoft?**

Aloysio Bohnen – O que a humanidade consegue descobrir, acaba sendo da humanidade toda, seja na medicina, na tecnologia de produção ou em qualquer âmbito. Esse meio que nós estamos usando não determina a nossa missão, mas ajuda a desenvolvê-la. Nós não

abraçamos a missão deles, mas estamos fazendo uso apenas de um instrumento de trabalho. Para isso temos que negociar, lançar mão dos meios que mais nos ajudam.

IHU On-Line – Como a mudança no sistema integrado de gestão pode contribuir também para uma mudança na qualidade do ensino, da pesquisa e no compromisso comunitário da Universidade?

Aloysio Bohnen – Isso é um instrumento, um meio que facilita o acesso. A qualidade só pode existir no sujeito. Queremos qualificar, que a Universidade se torne *qual*, mais vista como universidade, como um ambiente onde nós geramos o conhecimento e o desenvolvimento da pessoa. Isso não é uma mágica. O aluno tem que aprender, tem que estudar, o professor tem que ensinar e também aprender, só que com novos meios que facilitam o acesso ao conhecimento, à socialização dos bens culturais. Mas o processo é da pessoa. Apenas colocamos meios mais aptos, mais qualificados à disposição para que se possa crescer.

IHU On-Line – O que se espera da comunidade universitária em relação a este processo?

Aloysio Bohnen – Fazer uso do instrumento e, se não tem o domínio, começar a estudar e a dominar. Para isso há os nossos profissionais. Isso gera um efeito multiplicador fantástico. Os alunos não estão apenas em sala de aula. Eles estão no câmpus, com passarinhos, com lagartos, com gansos, e tudo isso ajuda com que ele se forme. O aluno, tendo acesso a tais instrumentos que amanhã vão estar instalados em prefeituras, em escolas, em empresas, vai ter mais possibilidades de trabalhar e de poder conseguir um emprego. Acredito que nós estamos gerando um efeito multiplicador para a sociedade como um todo. Vejo isso muito positivamente. É preciso ousar, quando sabemos que o rumo que a universidade está se propondo é de renovar-se para ser nova. Do contrário, ficaria fossilizada no passado. O passado é a referência para o futuro, é o fato de um ideal realizado. O fato é morto, e o ideal é vida. Só que o fato nos ensina e nos alimenta para acertarmos na realização do novo fato que é a concretização de um ideal. É a dinâmica da vida.

IHU On-Line – Em algum momento, houve um certo receio diante do processo que se estava empreendendo, já que é um processo sem precedentes em relação à rapidez e ao número de mudanças estabelecidas?

Aloysio Bohnen – Evidentemente temos dúvidas. Se conseguirmos observar os cenários, vamos notar que se abre um leque de opções. Só o ser humano pode optar e, para poder optar com mais acerto, ele tem que estar livre, não deve se sentir coagido. Nós optamos com plena liberdade por esse instrumento, porque foi estudado e viu-se que ia beneficiar enormemente a comunidade universitária, e isso deu uma tranqüilidade na opção.

[\(Voltar ao índice\)](#)

O SONHO HUMANO DEVE SE IMPOR SOBRE A TECNOLOGIA

Entrevista com Phillippe Quéau

“O que realmente conta é o nosso sonho, o nosso conhecimento de que somos humanos, somos infinitamente muito mais valiosos do que nossos utensílios”, essa é a opinião de Phillippe Quéau, diretor da divisão de Informação e Informática da Unesco e engenheiro da Escola Nacional Superior das Telecomunicações da França. Graduado em Engenharia pela École Polytechnique, de Paris, e pela École Nationale Supérieure des Télécommunications, também de Paris, Phillippe Quéau obteve diploma em Ciências e em Comunicação da Informação pela École Pratique des Hautes Études en Sciences Sociales, de

Paris. Quéau é um especialista das novas tecnologias da informação e da comunicação, com um interesse particular em gráficos de computador, na realidade virtual, na televirtualidade e nas cyber-comunidades. Fundou o grupo de pesquisa da imagem do Instituto Audiovisual Nacional Francês (INA), e o MediaPort do INA, que dá acesso aos numerosos dados, sons e imagens audiovisuais dos arquivos públicos franceses de televisão. Phillippe Quéau escreveu livros em que analisa a evolução técnica e artística e suas implicações na computação, na inteligência artificial e na realidade virtual. Entre eles, citamos **Éloge de la simulation - De la vie des langages à la synthèse des images** (Ed. Champ Vallon/INA, 1986); **Metaxu: Théorie de l'Art Intermédiaire** (Ed. Champ Vallon/INA, 1989); e **Le Virtuel - Vertus et vertiges** (Ed. Champ Vallon/INA, 1993). O pesquisador concedeu a seguinte entrevista ao **IHU On-Line**, por e-mail.

IHU On-Line- Qual o papel que, ao seu ver, a universidade deveria exercer na sociedade atual?

Philippe Quéau- Eu penso que a Universidade deve redefinir-se de maneira fundamental para dar conta dos enormes desafios do século XXI. Ela não pode ficar apenas limitada a um período da vida dos estudantes, ou a uma parte privilegiada da população, mas ela deve estar aberta a todos, e em todos os estágios da vida, como um reanimador, um posto avançado criativo, devotado à realização pessoal e também aos interesses comuns da sociedade e mais amplamente da humanidade. A universidade, como seu nome indica, deve ser “universal”, e não apenas uma ferramenta privatizada reservada a uns poucos escolhidos. A sociedade do conhecimento deve também ser universal, e as universidades devem ser os permanentes laboratórios da necessária participação de cada um nessas complexas sociedades em contínua e permanente evolução.

IHU On-Line- Manuel Castels e outros autores proclamam que há uma necessidade de humanizar a globalização, canalizando, entre outras coisas, o extraordinário poder criador das novas tecnologias, dos novos níveis de produtividade e da comunicação universal pela internet, de tal maneira que traga benefícios a toda a sociedade. Por onde esse processo passaria? Como pode a universidade contribuir para este processo ou obstruí-lo?

Philippe Quéau- Os ICTs⁷, por exemplo, podem ser poderosas ferramentas para disseminar informação e dar acesso ao conhecimento, mas as universidades não são apenas repositórios ou fábricas de diplomas. Elas devem ensinar como reinventar continuamente a si mesmo e a sociedade. Elas devem providenciar energia intelectual e espiritual, e melhores instrumentos para a solidariedade. Novamente, as universidades devem ser fiéis ao seu ideal inicial, retornando a Platão e Aristóteles. Elas devem ser “universais”, não apenas especializadas, e devem perceber o que é o mais universal em cada um de nós: universalidade da razão, do amor por descobertas interminável busca por criação e invenção e fé na aventura coletiva da humanidade, embarcada num pequeno planeta.

IHU On-Line- Você proclamou que a proteção da privacidade se tornou um dos mais importantes direitos deste século. Em que sentido? Deveria a universidade exercer um papel mais ativo na discussão da propriedade intelectual?

Philippe Quéau- Sob o disfarce de proteger alguns “interesses”, vagamente definidos, da sociedade em geral, há um risco muito sério que os ICTs, com seu incrível poder, podem ser instrumentalizados para serem postos a serviço de um novo cyber-Leviatã, já planejado por

⁷ ICT: sigla de Information and Communications Technology (Nota do **IHU On-Line**)

Hobbes e descrito apocalipticamente por Orwell ou Welles, e atualmente em realização pelas redes eletrônicas, e a generalizada vigilância e “prevenção”, baseada no computador. Desejamos ser transformados em e-escravos por alguns novos e-faraós? Se não, é hora de o povo controlar democraticamente aqueles que não hesitam em tentar controlar todos os aspectos de nossas vidas, do útero à sepultura.

IHU On-Line- As novas tecnologias estão sendo usadas no mundo do trabalho para obter maior eficiência e produtividade. Nossa própria universidade está nesse processo. Quais podem ser os riscos dessa tentativa?

Philippe Quéau- O fator mais importante para qualquer universidade é o de evitar a “rigidificação”. Ferramentas de produtividade são “produtivas” unicamente enquanto são postas a serviço de certa concepção sobre o que é “produção”. Porém, quem pode decidir isso a longo prazo? Quem está incumbido de revisar a verdadeira idéia do que é “produtivo”, ou não? Por isso é tão importante ao nível técnico permitir pleno acesso a todos os aspectos do software usado em tal produtividade e às ferramentas de manejo da informática. Por isso a vital necessidade de contar com acesso aberto, instrumentação aberta, software aberto.

IHU On-Line- O desenvolvimento tecnológico – a Internet, a comunicação móvel, a banda larga, os satélites, etc. – traz consigo mudanças significativas na estrutura econômica e societária e nas relações sociais como um todo. Que mudanças essas novas tecnologias trazem nas vidas e perfis dos trabalhadores?

Philippe Quéau- As mudanças serão imensas. O que está sendo testemunhado agora é apenas o verdadeiro começo, como as primeiras páginas de uma enciclopédia em elaboração. O futuro, que está a nossa frente, será bem diferente do que estamos agora imaginando. Poetas, visionários, santos, artistas, ainda não se deram conta do que ainda é uma revolução tecnológica, mas que se transformará numa revolução humana. A tecnologia não é quase nada. O que realmente conta é o nosso sonho, o nosso conhecimento de que somos humanos, somos infinitamente muito mais valiosos do que nossos utensílios.

[\(Voltar ao índice\)](#)

MUDAR O SISTEMA GRADUALMENTE, DELIMITANDO SUAS FASES

Entrevista com Guillermo Cepeda

Mudar o novo sistema por fases e proceder a mudança gradualmente. Esse é o depoimento de Guilherme Cepeda, da Universidade Javeriana de Colômbia, a propósito da implantação do Sistema PeopleSoft. Guillermo Arturo Cepeda López trabalha há 15 anos na Universidad Javeriana, da Colômbia. É professor pesquisador da Faculdade de Ciências Econômicas e Administrativas e secretário acadêmico da mesma faculdade. É também assistente da Oficina de Planejamento, membro da Equipe Base de Acreditação Voluntária de Programas Acadêmicos. Guillermo Cepeda estudou Engenharia de Sistemas e Física e tem mestrado em Engenharia de Sistemas e Economia. Há quatro anos é o gerente do Projeto Sistema de Informação Universitária, que compreende, entre outros, a implementação do Sistema de Administração de Estudantes da PeopleSoft. Cepeda concedeu a entrevista a seguir por e-mail.

IHU On-Line - Como poderia descrever o processo de implantação do Sistema Integrado de Gestão, realizado pela empresa PeopleSoft? Quais foram as vantagens e desvantagens?

Guillermo Cepeda - Em primeiro lugar, é necessário deixar claro que a Universidade não adquiriu o Sistema Integrado de Gestão. Só adquiriu o Sistema de Administração de Estudantes, alguns módulos para conformar um sistema de administração de projetos de investigação, o Portal e o módulo de Auto-serviço. Estes sistemas foram escolhidos como prioritários depois de analisarmos de que maneira desenvolveríamos nosso Sistema de Informação Universitária (SIU). Atualmente, estamos implantando o Sistema de Administração de Estudantes (SAE), Auto-serviço e o Portal. Já pusemos em produção alguns módulos do Sistema de Administração de Estudantes, o Portal do Auto-serviço está previsto para entrar em funcionamento no próximo semestre. O Sistema para Administração de Projetos de Investigação é um projeto que está em fase de apropriação e definição de parâmetros. Ao iniciarmos o projeto, contratamos um serviço de consultoria da empresa PeopleSoft (primeiro trimestre 2002) para as fases de estratégia e planejamento do projeto. A partir destas etapas, decidimos proceder a implantação com pessoal da Universidade e realizá-la por fases. Optamos por implantar gradualmente módulo por módulo, devido aos riscos decorrentes das mudanças e seus reflexos na nossa cultura. Montamos uma equipe de trabalho formada por pessoas da Universidade, que foram comissionadas. Contratamos, temporariamente, algumas pessoas com experiência em PeopleSoft, alguns técnicos e uma consultoria por demanda para atender problemas específicos, além da consultoria da PeopleSoft. Ao assumir a condução da implantação do sistema, a Universidade adquiriu um conhecimento especializado e, ao adequar o sistema para atender as suas necessidades, garantiu a experiência necessária para mantê-lo operando. As desvantagens de realizar a implantação por conta própria são os riscos que corremos ao enfrentar novos problemas, além do seu impacto sobre os prazos.

IHU On-Line - Em que sentido o trabalho com uma multinacional que se ocupa mais em assessorar a administração de empresas, pode apresentar problemas para uma universidade humanista como são as universidades jesuíticas?

Guillermo Cepeda - Nossa investigação da PeopleSoft e suas soluções nos levou a entrar em contato com várias universidades dos Estados Unidos, entre elas, a Universidade de Santa Clara; algumas universidades do México, como a Universidade de Novo León e a Universidade Pan-americana que contam com a PeopleSoft para a administração de estudantes. O sistema de administração de estudantes da PeopleSoft foi adotado em muitas universidades com estruturas e processos diferentes. Revelou-se como um sistema muito versátil e flexível, que se pode adaptar às variadas situações que se apresentam em nossa Universidade. Quanto, aos serviços de consultoria que presta, a PeopleSoft, conta com consultores experientes no trabalho em universidades. Os consultores que nos atenderam na primeira etapa do projeto e no atendimento de problemas específicos, são conhecedores do sistema e do funcionamento de muitas universidades. No nosso caso, a Universidade não contratou a implantação total do sistema, baseada em análises da consultoria. Foram considerados aspectos, como a delegação da tomada de decisões à equipe do projeto, resposta a solicitações de decisão em 24 horas, etc. Dada a natureza da Universidade, as análises, realizadas em 2002, indicaram que estes aspectos representavam uma fonte de risco e custos adicionais à Instituição.

IHU On-Line - Como o projeto ajudou à Universidade a melhorar e levar a cabo de maneira mais efetiva seus objetivos?

Guillermo Cepeda - O projeto de implantação do Sistema PeopleSoft foi acompanhado por um projeto paralelo de implementação de um Sistema de Créditos Acadêmicos. São projetos interdependentes que nos permitem dar e proporcionar flexibilidade curricular e autonomia ao estudante. Os módulos que pusemos em operação, estão nos permitindo integrar informação,

adotar o Sistema de Créditos Acadêmicos e oferecer aos estudantes a matrícula pela Internet. Os módulos de admissão e promoção da Universidade estão há mais de um ano e meio em operação. Nosso processo de matrículas, empregando o Sistema de Créditos Acadêmicos foi posto em operação para 20% dos estudantes da Universidade em janeiro deste ano.

IHU On-Line - Como foi o processo de mudança e adaptação da comunidade universitária ao novo projeto de gestão? Quais foram as dificuldades? Que cuidados foram necessários tomar? Foi necessária a substituição ou dispensa de recursos humanos?

Guillermo Cepeda - O processo de mudança e adaptação esteve enfocado na participação da comunidade universitária. No entanto, os esforços em capacitação e entendimento da mudança foram insuficientes. As mudanças necessárias para adotar um Sistema de Créditos Acadêmicos implica mudar paradigmas de administração que, embora modelados pelo Sistema PeopleSoft, precisam ser legitimados pela comunidade universitária. Esta legitimação se dá por meio de um esforço maior em comunicação e capacitação. Prevendo dificuldades que poderiam ocorrer durante a matrícula, adquirimos um sistema de suporte em linha, que atuasse junto à PeopleSoft para dar aos estudantes e pessoal administrativo uma tutoria em linha. Esta foi uma medida muito conveniente, é necessário reforçar esta estratégia.

IHU On-Line – Há outros aspectos que considere importante?

Guillermo Cepeda - A experiência das fases e o início da operação destes sistemas ratificam a necessidade de prudência ante as mudanças. Quero dizer, é necessário adotar gradualmente a mudança. Ainda que na Universidade tenhamos mudado gradualmente, o processo de matrícula incorporou o Sistema de Créditos Acadêmicos, provocando uma série de mudanças complexas para a comunidade universitária. Tudo isso me leva a reafirmar nossa decisão de fazer a implementação por fases, mas também nos ensinou a necessidade de reforçar mais e mais a capacitação. Adicionalmente, nossa aprendizagem nos assinalou a importância, destacada pela consultoria da PeopleSoft, de realizar uma forte campanha de comunicação. A integração de informação exige melhores canais de comunicação entre as unidades acadêmicas.

[\(Voltar ao índice\)](#)

USAR O SOFTWARE LIVRE É EDUCAR PARA A LIBERDADE

Entrevista com Richard Stallman

*Richard Stallman, conhecido no mundo inteiro pela sua defesa e desenvolvimento do software livre, considera que as instituições universitárias deveriam adotá-lo, pois “a missão da universidade é desenvolver e difundir o conhecimento humano”. Ele concedeu uma entrevista exclusiva, por telefone ao **IHU On-Line**, na semana passada. Stallman é o fundador do projeto GNU, lançado em 1984, para desenvolver o sistema operacional do software livre. Para Stallman, um sistema operacional livre é essencial para que os povos possam usar computadores com liberdade. Ele estudou Física em Harvard e trabalhou no Instituto Tecnológico de Massachusetts (MIT) antes de se converter no grande libertário da informática. Em 1984, fundou a Free Software Foundation (www.fsf.org) e hoje viaja pelo mundo, divulgando o livre uso dos programas de computador. Seu ideário inspirou a criação do GNU/Linux, um sistema operativo de acesso livre. Hoje, o programa Linux, baseado na semente do sistema GNU e desenvolvido por Linus Torvalds, tem seu uso difundido. Há a estimativa de cerca de 20 milhões de usuários do sistema. Durante seus anos da faculdade, Stallman trabalhou também como um hacker da equipe de funcionários no laboratório da inteligência artificial*

do MIT, aprendendo o desenvolvimento do sistema operacional ao fazê-lo. Escreveu o primeiro editor de texto, o Emacs, em 1975. Em janeiro de 1984, renunciou ao MIT para começar o projeto do GNU. Em 1996, recebeu o título de doutor honoris causa do Royal Institute of Technology. Em 2001, recebeu o segundo doutorado honoris causa, da University of Glasgow e, em 2004, recebeu o doutorado honoris causa da Universidad Nacional de Salta, na Argentina. Publicamos uma entrevista com Richard Stallman no **IHU On-Line**, 69ª edição, de 4 de agosto de 2003, em que discutimos a questão do software livre. Ele possui uma página pessoal na Internet, cujo endereço é <http://www.stallman.org/>

IHU On-Line- O senhor tem esclarecido diversas vezes que Software livre não significa gratuito: significa que os usuários são livres para usar o programa, estudar seu código fonte, modificá-lo e distribuí-lo com ou sem mudanças, seja gratuitamente, seja cobrando por isso...

Richard Stallman- Exatamente, e também publicar versões mudadas de maneira que a comunidade possa fazer o que queira com esse programa.

IHU On-Line - Tem dito também que seu discurso é ético e não técnico e que o Software Livre constrói liberdade e comunidade. Mas a forma de ele fazê-lo ou de o software privativo negar essa liberdade, é técnica. Como são essas duas formas?

Richard Stallman - O software privativo⁸ tolhe a liberdade do usuário com sua licença que não permite copiar seu programa. Só está disponível o código executável. A perda de liberdade não resulta do que faz o programa, e sim de sua forma de distribuição. Às vezes, é possível convencer os programadores de liberar um programa, mas, uma vez que um programa é privativo, ou seja, que é construído de maneira que prive a liberdade dos usuários, o programador escolhe o poder sobre os usuários e usa seu poder para tirar-lhes outras liberdades. Por exemplo, pode interferir no programa com finalidades maléficas para destruir arquivos ou vigiar o usuário. Pode fazer isso facilmente, porque, como o programa é privativo, os usuários não podem mudá-lo, eles não têm defesa, porque os programas privativos mantêm os usuários em estado de dependência, de colonização eletrônica. Muitos usuários não vão se interessar em mudar, porque é fácil e cômodo continuar assim. É bom saber que, com o software livre, o programador não tem poder sobre os usuários, até pode dispor de funcionalidades maléficas, mas os usuários podem modificar sua versão e fazer versões diferentes. No software livre, os usuários ganham, no privativo, o programador ganha.

IHU On-Line - Acha que seria possível não só as pessoas, mas também as instituições públicas e privadas usarem o software livre e o sistema operativo GNU/Linux ?

Richard Stallman - Em primeiro lugar, as escolas deveriam usar somente o software livre por muitas razões. Uma delas é facilitar a educação para a informática. Com o software livre, os alunos podem aprender a ler e escrever o código fonte. Seguramente, muitos estudantes gostariam de aprender isso, e a escola deve proporcionar a possibilidade de aprender bem. O aluno aprenderia como funciona o programa que está usando. Mas há outras razões para ensinar o uso da liberdade nas escolas, porque, em definitivo, trata-se disso. Ensinar a usar software privativo é construir dependência, é estar ensinando algo maior que os ensinamentos do dia-a-dia escolar, e isso pode se estender para toda a sociedade. Quando a Microsoft

⁸ Software privativo significa que um indivíduo ou companhia retém o direito de autor exclusivo sobre uma peça de programação, ao mesmo tempo que nega às outras pessoas o acesso ao código fonte do programa e o direito a copiá-lo, modificá-lo ou estudá-lo. (Nota do **IHU On-Line**)

oferece cópias gratuitas do *software* privativo às escolas, não o faz, porque está querendo socializar conhecimento, e sim porque é uma forma de fazer dos alunos, adictos. É como oferecer caixas de cigarro aos alunos para que aprendam a fumar e se viciem em cigarro. Por isso, para construir nações independentes, devemos ensinar o *software* livre, e não o privativo. Mas, há ainda uma outra razão mais profunda. A escola não deve só ensinar fatos e números, mas também, moral. Devemos ensinar as pessoas, desde crianças, a cooperar com seus pares, com a sociedade. Portanto, a escola deve ensinar a norma que diz: "Menino, se trouxer um programa à turma não podes guardá-lo para ti, deves compartilhá-lo com todos os teus colegas. Se não quiseres compartilhá-lo, não podes trazê-lo." A escola precisa fazer com que se cumpra a regra. Por outro lado, as instituições públicas devem adotar o *software* livre por várias razões. Uma delas é ajudar o mercado do *software* livre para que se generalize seu uso, e as empresas privadas também possam adotá-lo mais facilmente. Isso contribuirá para convencer os governantes a fim de que eles adotem leis que não impeçam o uso do *software* livre. Há leis que quase o proibem, como, por exemplo, o Tratado de Direito de Autor⁹, que é muito nocivo. Nenhum país deveria adotá-lo, mas muitos o fazem sob pressão dos Estados Unidos.

***IHU On-Line* - O senhor é um hacker. Há uma imagem geralmente negativa dos hackers. Qual é o bem que eles fazem à sociedade?**

Richard Stallman - Eu sou um *hacker*, sim. *Hacker* é alguém que costuma se divertir com sua inteligência, poderíamos traduzir como "espírito brincalhão". Quando digo que sou um *hacker*, quero dizer que gosto de me divertir com a inteligência, com um "espírito brincalhão", não só com o computador. Há *hackers* que fazem outras coisas e usam a palavra em outro sentido, mas eu não. Os *hackers* podem fazer um grande bem à sociedade. Os que escrevem programas úteis e interessantes usualmente são *hackers*. Estão se divertindo com sua inteligência e trabalhando num programa.

***IHU On-Line* - Se o senhor tivesse querido, poderia ter feito muito dinheiro com suas descobertas e as possibilidades que elas lhe abriram. Teve muitas propostas que implicavam abandonar seus princípios éticos?**

Richard Stallman - Ofereceram-me oportunidades de trabalho contra meus princípios e disse que não, porque, para mim, lutar pela liberdade da comunidade é mais importante que me tornar rico. Entretanto, não recebo muitas propostas, porque tenho a reputação de me manter fiel aos meus princípios e acho que ninguém me ofereceria hoje trabalhar para um *software* privativo. Às vezes, me sugerem aceitar o programa privativo para promover o êxito do sistema livre GNU/Linux e nunca aceito, porque, para mim, o êxito do GNU/Linux serve para promover a liberdade. Deixar a liberdade, que é a meta, para obter o êxito, é se desviar do objetivo.

***IHU On-Line* - O senhor criou a expressão *copyleft*¹⁰ em oposição a *copyright*. Como caracterizaria a cultura que cada uma dessas expressões representa?**

⁹ O Tratado de Direito de Autor, da Organização Mundial da Propriedade Intelectual (OMPI), foi adotado em Genebra, em Dezembro de 1996. A diretiva sobre "O Direito de Autor na Sociedade da Informação" trata-se da mais complexa e horizontal medida legislativa criada no âmbito da propriedade intelectual. A maioria dos Estados Europeus acolhe e adapta para os seus sistemas jurídicos os dois Tratados da OMPI, designados como os "Tratados Internet", que regulam a adaptação do Direito de Autor e dos Direitos Conexos ao mundo digital. (Nota do *IHU On-Line*).

¹⁰ *Copyleft* nasce de um jogo de palavras em inglês: em oposição a *copyright* (direito de cópia) se uma *copyleft* (significa cópia abandonada, cópia que é permitido fazer), indicando que não se restringe a cópia, mas ao contrário, se pode fazê-la sem reservas. As palavras inglesas *right* e *left* significam também "direita" e "esquerda", respectivamente, o que

Richard Stallman- Eu não penso nesses termos. Para mim, o “esquerdo de cópia” (*copyleft*) é um método para usar o “direito de cópia”, para proteger a liberdade dos usuários. É possível publicar uma obra num domínio público, mas corre-se o risco de que todos façam versões mudadas e as tornem privativas. Você receberia sua própria obra copiada com a liberdade tirada por um intermediário. Isto era o que eu queria evitar, ao criar o *copyleft*: assegurar que todos os usuários, quando recebam suas cópias, recebam também os direitos de utilizá-las. O “esquerdo de cópia” (*copyleft*) é para fazer isso, por isso não o considero uma cultura. A cultura seria a de respeitar ou não a liberdade dos outros, o espírito de cooperar com uma comunidade e o espírito de subjugar os outros.

IHU On-Line - Qual é a missão da universidade na tentativa de criar sociedades livres e cooperativas?

Richard Stallman - A missão da universidade é desenvolver e difundir o conhecimento humano, se ela omitir alguma dessas duas funções, está-se voltando contra si mesma.

IHU On-Line - Se tivesse que organizar uma grande universidade e quisesse fazer com que ela fosse mais eficaz, renovar suas ferramentas de gestão, etc., o que faria?

Richard Stallman - Falar de "eficaz" só tem sentido segundo uma meta específica e dos limites e normas éticas que se deve respeitar. A missão da universidade é avançar e difundir o conhecimento humano. Aplicado ao campo informático, esta missão exige promover o *software* livre. Receber um programa sob a promessa de não compartilhá-lo com os outros não é ético para ninguém, mas ainda menos para uma universidade. A universidade deve rejeitar o *software* privativo, em sua administração e em suas aulas. O exemplo da Unidade Integrada Vale do Taquari de Ensino Superior (Univates) tem mostrado que uma universidade moderna, no Brasil, pode escapar do *software* privativo e que não seria tão difícil evitar o seu uso.

[\(Voltar ao índice\)](#)

A UNIVERSIDADE NÃO DEVE TEMER AS PARCERIAS

Entrevista com Fredric Litto

*Fredric Litto, coordenador científico do Núcleo de Pesquisa da Escola do Futuro, da USP, considera positivo o uso pelas instituições universitárias, de softwares avançados de administração. Litto é graduado em Rádio-Televisão pela University of California, de Los Angeles, doutor em História do Teatro pela Indiana University, pós-doutor pela Stanford University, nos EUA, e livre-docente pela USP, com a monografia intitulada **A Comunicação na Ciência - Quatro Problemas Contemporâneos**. Sua linha de pesquisa é a Comunicação Mediada por Computadores. Confira, a seguir, a entrevista concedida por e-mail.*

IHU On-Line - Que papel o senhor considera que a universidade deve cumprir na sociedade atual (da informação, do conhecimento, do "trabalho imaterial"), para ser fiel à sua missão?

Fredric Litto- Acho que a universidade tem que continuar sua missão de preparar novas gerações de profissionais em todas as áreas de atividade humana, mas também tem que estender sua atuação para a educação continuada de adultos, algo necessário no novo tipo de sociedade para a qual estamos indo rapidamente e que exige pessoas economicamente ativas

acentua a diferença entre ambos os conceitos. A idéia de *copyleft*, não a palavra, foi concebida por Richard Stallman.
(Nota do *IHU On-Line*)

cada vez mais bem-informadas e atualizadas. Não concordo com a “caça-às-bruxas”, ocorrendo no setor público, exigindo que os *campi* das universidades públicas sejam proibidos de oferecer cursos avançados pagos (MBAs, etc.). Acredito que, eventualmente, haverá mais “alunos”, cursando programas de educação continuada (para aqueles já formados em nível superior) do que alunos regulares inscritos nos programas de bacharelado, mestrado e doutorado (esses últimos mais dirigidos à preparação de pesquisadores do que de profissionais, pelo menos na visão conservadora da maioria das universidades brasileiras). Quem banca o ensino público no Brasil ainda não percebeu a necessidade de ampliar a oferta atual para incluir a educação continuada. Se continuar assim, as universidades particulares, tanto aquelas que são confessionais, comunitárias e sem fins lucrativos quanto aquelas que visam a lucros, podem e devem entrar nesse campo de atuação e usar toda a sua capacidade de inovação e empreendedorismo para servir bem a sociedade brasileira. Evidentemente, faz parte da missão da universidade, que quer ser reconhecida como séria, fazer pesquisa original e realizar atividades de extensão que levem os melhores conhecimentos para os cidadãos de perto e de longe.

IHU On-Line - Como pode se viabilizar o processo de humanização da globalização usando para isso as novas tecnologias? Como a universidade pode contribuir ou obstaculizá-lo?

Fredric Litto - A universidade é, por excelência, o lugar que lida com *conteúdo*, sua produção, sua transmissão, sua avaliação. Vejo o papel da universidade, nessa nova sociedade para a qual estamos indo, como complementar aos papéis do estado e do setor privado (indústria, serviços, ONGs), que deveriam se especializar na criação da infra-estrutura da inclusão digital (telecentros, infocentros, Internet nas escolas, etc.), enquanto as instituições que têm compromisso com a descoberta e a produção de novo conhecimento, com a interpretação de conhecimento do passado e da atualidade, e com o estudo do futuro (algo que não se faz nas universidades, se deveria fazer), devem se preocupar com o conteúdo oferecido à população, tanto o fornecido gratuitamente (como a Biblioteca Virtual do Estudante de Língua Portuguesa da USP www.bibvirt.futuro.usp.br) como o que, por ter ligações com questões de propriedade intelectual, tem que ser cobrado.

IHU On-Line - As novas tecnologias são usadas no mundo do trabalho para procurar maior eficiência e produtividade, inclusive a nossa universidade, a Unisinos, está à procura dessas ferramentas, como novos softwares de gestão. Que cuidados devem ser levados em conta quando uma universidade de caráter comunitário procura caminhos em parceria com multinacionais como a Oracle-PeopleSoft? Como esse processo pode redundar em benefício social?

Fredric Litto - Acredito que, cada vez mais, será impossível avançar as atividades de uma universidade séria e independente, sem parcerias com empresas, ONGs e outros setores não-governamentais. O aumento de complexidade nas atividades humanas, especialmente as institucionais, faz com que parecerias sejam úteis e necessárias. Eu sempre estranhei a reclamação ouvida na universidade: “Ah! estamos sendo *usados* por aquela empresa nesse projeto!” Qualquer projeto de parceria tem, implícita, a idéia de que os parceiros “usam” uns aos outros, cada um entrando com sua especialidade ou seus recursos diferenciados. É uma questão de calibrar as contribuições que cada lado faz. É uma questão de postura institucional (tanto da universidade quanto da empresa) a determinação dos limites, dos parâmetros estabelecidos num projeto. Não tenho preconceitos sobre isso. Daqui a duas semanas, estarei lançando um novo livro, um estudo mostrando como as instituições de ensino superior no Brasil

usam as tecnologias da informação, incluindo o ERP. A pesquisa revelou tendências muito interessantes, inclusive que as instituições brasileiras não estão tão atrasadas em comparação com as norte-americanas. O estudo se chama *Campus Computing Report.Br 2004*.

IHU On-Line - O senhor acha que as tecnologias estão sendo suficientemente exploradas nas universidades?

Fredric Litto - Acho que existe, nas universidades brasileiras, uma aversão à tecnologia no ensino (especialmente nas faculdades de educação, que escondem a disciplina "tecnologia educacional" e realizam pouca pesquisa sobre a questão). Temos um corpo docente nacional acomodado, tradicional, pedagogicamente conservador, e pouco interessado nas possibilidades oferecidas pelas novas tecnologias. Isso, reforçado pelos poucos recursos disponíveis para Novas Tecnologias de Comunicação (NTCs), no ensino, nas instituições públicas, e a precariedade da vida dos docentes em muitas instituições privadas, dificulta a introdução das NTCs no processo de aprendizagem. Com o tempo, evidentemente, isso vai mudar para melhor. Mas, o povo brasileiro, tão amante das comunicações audiovisuais, ainda sofre com um estilo de ensino sem apoio da tecnologia.

[\(Voltar ao índice\)](#)

DESTAQUES DA SEMANA

Livro da Semana

VIRILIO, PAUL. VILLE PANIQUE. AILLEURS COMMENCE ICI. PARIS: GALILEE. 2004.

PAUL VIRILIO E A POLÍTICA DO MEDO

*O pânico é o argumento central da política, diz o pensador francês Paul Virilio em seu livro **Ville panique**. Paul Virilio nasceu em Paris, em 1932, é um reconhecido urbanista e uma das figuras mais emblemáticas e polifacéticas da intelectualidade francesa posterior à Segunda Guerra Mundial. Cristão militante, arquiteto e urbanista de formação, começou sua reflexão sobre o mundo atual com o grupo *Architecture principe*. Participou da ocupação do teatro do Odeón em maio de 1968. Nos 1970, começou a publicar seus livros, em que insistia nas transformações da arte e na percepção moderna e adquiriu renome internacional com a proposta de estudar a velocidade através de uma ciência chamada "dromologia". A ela somou noções sobre a relação entre guerra, cidade e política. Participou das revistas **Esprit** e **Cause Commune**, fundou a rádio *Tomate* junto com Félix Guattari¹¹ e colaborou com Jacques Derrida¹² na criação do Colégio Internacional de Filosofia. Desde os anos 1980 vem publicando ensaios, entre os quais se destacam *Velocidade e política*, *Estética do desaparecimento*, *A máquina de visão* e *A insegurança do território*. A entrevista que segue, feita por Pablo Rodriguez, foi publicada no jornal **Clarín**, em 26 de março de 2005. A tradução e os subtítulos são*

¹¹ Félix Guattari (1930-1992): psicanalista francês, pensador, militante, admirado por movimentos de esquerda alternativos, autor de um dos livros mais discutidos entre os anos 70/80, **O Anti-Édipo**, escrito em parceria com o filósofo francês Gilles Deleuze. Guattari visitou várias vezes o Brasil. (Nota do **IHU On-Line**)

¹² Jacques Derrida (1930-2004), filósofo francês considerado o primeiro a desenvolver o desconstrucionismo. Dedicamos a Derrida a editoria Memória do **IHU On-Line** número 119, de 18 de outubro de 2004 (Nota do **IHU On-Line**).

nossos. O livro que hoje destacamos já havia sido comentado na 108ª edição do **IHU On-Line**, de 5 de julho de 2004, com uma entrevista a Virilio. Dele, também publicamos outra entrevista na 95ª edição do **IHU On-Line**, de 5 de abril de 2004.

"Chama de Buenos Aires? Vocês, sim, vivem em uma cidade-pânico!". No bate-papo prévio para combinar o momento de uma entrevista telefônica, Paul Virilio solta esta exclamação e provoca surpresa. Está falando da derrota argentina de 2001, um tema que quase todo europeu informado conhece, ou se refere ao incêndio de República Cromañón¹³ e a seus efeitos imediatos na sociedade?

"O que passa nessa cidade é um reflexo de minha teoria a respeito da não-distinção entre atentado e acidente. Hoje resulta que catástrofes tão importantes como as de 11 de março em Madrid — que foi um atentado — ou a de uma discoteca em que morreram 200 pessoas — que foi um acidente — podem levar a uma mudança de governo ou a uma crise interminável do mesmo governo. E não estou pensando somente na renúncia de um intendente ou de um prefeito, mas sim de uma mudança completa de governo ou de regime, ou seja, que pelo atentado ou pelo acidente se alcança o que antes se conseguia por meio de guerras e revoluções". Segundo Virilio, a esteira política que deixou a tragédia de 30 de dezembro é a própria manifestação de uma *ville panique*, literalmente "cidade-pânico", título de seu último livro, que este ano se publicará em nosso país e cujo primeiro artigo já foi traduzido e publicado o ano passado pela revista **Artefato**. A conclusão do Virilio é lapidária: "Isto demonstra que o medo e o pânico são os grandes argumentos da política moderna".

Paul Virilio — arquiteto, urbanista, filósofo, figura central e inclassificável do panorama intelectual francês, autor reconhecido em todo mundo, "um filho da guerra", como gosta de definir-se — é, efetivamente, um homem informado. No *Ville panique*, muito mais que em seus livros anteriores, seus interlocutores são principalmente artigos de jornais, entrevistas a personagens políticos, anedotas de acidentes e colunas de opinião, como se o leitor pudesse assistir à sua própria leitura dos meios, pela manhã talvez, ou no meio do café da manhã. A voracidade informativa deste homem de 74 anos que até recentemente se deixava fotografar com uma boina com viseira na cabeça, que vive no balneário de La Rochelle, na costa atlântica francesa, está animada por uma obsessão: seus temas são recorrentes, sempre vinculam o fenômeno da guerra, o estado da política e a constituição da cidade. Isso quando Virilio não se dedica a refletir sobre a arte e sobre as transformações da percepção no último século, assuntos com os que se fez conhecido. Ele considera que tem uma missão: alertar. Em sua urgência, se pode entrever o que o alemão Hans Jonas denominou "a heurística do medo", a convicção de que a ação política consiste em tomar nota dos perigos. No caso de Virilio, trata-se do perigo de desestabilizar absolutamente todos os aspectos da consciência e a percepção ocidental, algo próprio, em realidade, da modernidade capitalista, quando não parece haver, no horizonte, um corpo coerente de crenças.

Teoria política da cidade

¹³ O incêndio na discoteca *República Cromañón*, ocorrido em 30 de dezembro de 2004, em Buenos Aires, é considerado a maior tragédia não natural da história argentina. Um fogo de artifício lançado do público (prática habitual em alguns recitais de rock) desatou o incêndio no local fechado com aproximadamente 3.000 pessoas. A quantidade de vítimas foi de 193 mortos e cerca de 800 feridos. (Nota do **IHU On-Line**)

Em *Ville panique* aparece uma teoria política sobre o mundo contemporâneo. Esta teoria não está formulada com o rigor que exibem a filosofia política, seus autores canônicos, seus conceitos e marcos de referência, sobre os que se volta uma e outra vez. Seu estudo nem sequer parece pretender o título de "teoria". Como ele mesmo diz, o ponto de referência da política é a cidade, a *polis*. Na atualidade, a cidade é o espaço onde se imbricam a guerra e a política, seja seguindo a famosa sentença de Clausewitz¹⁴: "A guerra é a continuação da política por outros meios", seja seguindo a inversão que fez célebre Michel Foucault¹⁵: "A política é a continuação da guerra por outros meios".

Até o século XX, raciocina Virilio, a política e a guerra moderna giraram ao redor do estado-nação, uma entidade fixada em um território extenso com uma população relativamente repartida. Os meios de combate dos tempos clássicos eram a polícia no âmbito interno e as Forças Armadas no exterior. Os exércitos tinham então um terreno onde se enfrentar, o campo de batalha, e dali, eventualmente, procediam à conquista territorial, da qual as cidades eram o último, mas não generalizado, cenário de luta. As guerras mundiais, sobretudo a Segunda, marcaram uma quebra destinada a perdurar: a cidade passou a ser alvo dos ataques militares com bombardeios à população civil. A estratégia militar, evidentemente, foi a causa da enorme mudança pela qual as populações abandonaram as grandes extensões para concentrar-se em territórios pequenos como as cidades. Atacar uma cidade seria, de agora em diante, um fato político. Para Virilio, aqui nasce a lógica do que hoje se chama terrorismo, tese desenvolvida por vários autores, entre outros o alemão Peter Sloterdijk¹⁶ em *Tremores de ar*.

Cenário da guerra e da política, a cidade começou a apagar a fronteira entre a polícia e o exército, mas, sobretudo, a ocupar a centralidade política que antes tinha o Estado. Como na

¹⁴ Carl Phillip Gottfried (or Gottlieb) von Clausewitz (1780-1831): soldado e intelectual prussiano. Escreveu um livro que se tornou o mais influente trabalho da filosofia militar no mundo ocidental. Este livro, *On War* (no original alemão, *Vom Kriege*) exerceu enorme influência no pensamento militar e político durante e após o século XIX. (Nota do *IHU On-Line*).

¹⁵ Michel Foucault (1926-1984): filósofo francês, que foi professor no Collège de France. Sua obra tem um enorme impacto na academia, pois perpassa principalmente pelas áreas humanas e das ciências sociais, mas também pelas demais áreas de estudo. A matéria de capa do *IHU On-Line* 119ª edição, de 18 de outubro de 2004, foi dedicada a Michel Foucault. O Instituto Humanitas Unisinos organizou, durante o ano de 2004, o Ciclo de Estudos sobre Michel Foucault. (Nota do *IHU On-Line*)

¹⁶ Peter Sloterdijk: filósofo alemão, autor de *Crítica da razão cínica*, que alcançou sucesso imediato, tornando-se o mais vendido livro de Filosofia na Alemanha, no último meio século. Além das obras editadas no Brasil - *A árvore mágica. O surgimento da psicanálise no ano de 1785, tentativa épica com relação à filosofia da psicologia*. Casa Maria Editorial, 1988, *Mobilização copernicana e desarmamento ptolomaico* (Tempo Brasileiro, 1992), *No mesmo barco. Ensaio sobre a hiperpolítica* (Estação Liberdade, 1999), *Regras para o parque humano. Uma resposta à carta de Heidegger sobre o humanismo*. (Estação Liberdade, 2000) -, publicou ainda, de uma extensa lista: *Der Denker auf der Bühne - Nietzsches Materialismus* [O pensador no palco - O materialismo de Nietzsche], 1986; *Weltfremdheit* [Desassossego do mundo], 1993; *Der starke Grund, zusammen zu sein. Erinnerungen an die Erfindung des Volkes* [O grande motivo de estarmos juntos: anotações sobre a descoberta do povo], 1998; *Luftbeben: An den Quellen des Terrors* [Aeromotos: Nas fontes do terror], 2002. É autor da recente trilogia intitulada *Esferas*, cujo volume I é *Esferas I. Burbujas*. Madrid: Siruela, 2003, e o volume II é *Esferas II. Globos. Macrosferología*. Ediciones Siruela, 2003. O volume III intitula-se *Sphären III: Schäume, Pluralistische Sphärologie* (Esferas III: Espumas, Esferologia Pluralista). Frankfurt: Suhrkamp, 2003. De Peter Sloterdijk publicamos uma entrevista no *IHU On-Line* número 56, de 22 de abril de 2003, outra entrevista no número 47, de 16 de dezembro de 2002, e trechos de outra entrevista no número 25, de 8 de julho de 2002. (Nota do *IHU On-Line*).

antiga *polis* grega, o cidadão, hoje, é chamado a cumprir funções de alerta policial e eventualmente funções militares, mas a democracia atual não é semelhante a do século de Péricles. Durante todo o processo moderno, a imagem idealizada da democracia grega tinha avançado, primeiro, para democracia indireta, exercida pelos representantes, e logo para a democracia da opinião pública, em que os meios de comunicação disputam às instituições, corporações e partidos políticos o lugar da "reflexão em comum", do debate a respeito da direção dos assuntos de uma nação. E aqui se chega a uma das idéias centrais do **Ville panique**. Como soldados-cidadãos, que somos, não se assemelham aos da *polis* grega, estamos dominados pelo medo e pelo pânico da insegurança, e não por um sentido de dever para nossa nova e insólita cidade-estado.

Este pânico anula o lugar da reflexão, e os meios se ocupam, não da demanda de reflexão coletiva, mas de uma demanda de emoção coletiva. Viciado nos jogos de palavras plasmados em fórmulas, Virilio diz que estamos passando da "padronização da opinião pública" para a "sincronização das emoções" e que a crítica clássica aos mass mídia como substitutos da política deliberativa, que ele mesmo soube também discutir, está obsoleta, porque é "a reflexão em comum" que deixou de ser uma aspiração. A discussão, a continuidade dos debates que imita à do pensamento, dá passo ao ritmo, ao sincopado, do coração e de seus sobressaltos de adrenalina.

Duas são as conseqüências desta transformação sensível da política. No interior das cidades, o sujeito não sabe quando ser soldado nem quando ser cidadão, porque desconfia do vizinho, não sabe quem é o inimigo e as forças de segurança são a polícia e o exército. Nesse sentido, Virilio estuda a crescente não-distinção das forças de segurança nos Estados Unidos, máximo aríete dos processos políticos contemporâneos. As grandes cidades seriam hoje o terreno de uma silenciosa guerra de todos contra todos que acaba não só na mais evidente histeria por causa dos atentados e dos acidentes, mas também da comissão de crimes que guarda características similares aos dos campos de concentração, pois são gangues que atacam seres indefesos (por meio de seqüestros, violações coletivas, assassinatos em séries, etc.) em lugares fechados sem se importar com sua vida. Fora das cidades, entretanto, esta mudança de lógica obriga o estabelecimento de uma "guerra civil global" que, em princípio, não se detém nas fronteiras nacionais e prerrogativas estatais, por mais que esteja comandada por um estado-nação como os Estados Unidos.

Nesse sentido, diz Virilio, há uma seqüência natural que vai da guerra nas cidades das duas guerras mundiais ao terrorismo global de nossos dias, passando pelo interlúdio da Guerra Fria. As hostes terroristas atuais, nas que Virilio inclui tanto as de Osama bin Laden como as de George W. Bush, parecem marcar o ponto principal desta seqüência, porque operam com o medo e o pânico que gera a não-distinção entre atentado e acidente. Assim, escreve Virilio no **Ville panique**, "amanhã o Ministério do Medo dominará, do alto de seus satélites e de suas antenas parabólicas, o Ministério da Guerra já cansado e em desuso, com seus exércitos em vias de decomposição avançada". E isso seria assim, porque a guerra, que aconteceu ser assunto de estados e assunto de cidades, agora entrou diretamente na alma de cada um dos habitantes destas cidades que não podem administrar esta tensão mais que com uma angústia insuportável.

Como pode ver-se, a proposta teórica de Virilio é ambiciosa, embora não careça de problemas. Por exemplo, uma idealização da democracia representativa como o lugar da "reflexão em

comum", quando caberia, pelo menos, traçar se a vida social em geral, e a história da democracia ocidental em particular, não aparecem mas bem governadas pela ideologia ou pelas ideologias. Também é lícito perguntar-se pela pertinência da extensão da "lógica concentracionária" — como ele a chama — dos campos de concentração às grandes cidades modernas. Contudo, não há dúvidas de que oferece uma interpretação complexa dos fenômenos que povoam os jornais e revistas que lê — como o caso do incêndio de República Cromañón — e que deslocam as interpretações de muitas reflexões que se fazem hoje em matéria de teoria e filosofia política contemporâneas.

Uma questão de escritura

Embora este parece ser o esqueleto central do *Ville panique*, o modo de reflexão do Virilio também o leva a lançar uma série de temas sem desenvolvimentos posteriores, com subtemas que bem poderiam ser objeto de outros livros. Um desses temas se refere ao modo como se habita hoje na cidade. Para Virilio, assistimos a uma época em que o nomadismo está ganhando terreno frente à sedentarização que tornou possível a civilização e o nascimento das cidades. Há, na atualidade, uma voracidade de destruição dos edifícios que revela que se odeia o que se habita e que não se quer reconhecer o passo da história, feito que se ilustra no livro com a descrição das festas que seguem ao desmoronamento dos gigantescos monoblocos que povoam os subúrbios de Paris, e que aqui também pudemos ver exemplificado em nosso "albergue Warnes". Do mesmo modo, como é costume nos textos do Virilio, há lugar para o anúncio de catástrofes. Afirma que os fluxos de imigração, incontroláveis, apesar do esforço das zonas ricas do planeta por contê-los, são signos que anunciam o estalo da borbulha da mundialização, e que a liberação do mundo dos negócios em relação às restrições do estado de direito conduzirá a um novo *crack* econômico global.

Nem sempre estas colocações são fáceis de reconstituir. A redação de Paul Virilio está longe de ser clara. Seu estilo está perto do aforismo, e seus conceitos não se sucedem, mas sim saltam, se deslocam, borbulham. Como diz Andrea Giunta, em sua introdução à versão em espanhol do ensaio de Virilio *O procedimento silêncio*, ele "escreve encadeando imagens. As frases curtas imprimem ao seu estilo o ritmo do *collage*, da montagem. Uma escritura visual que não é alheia à sua formação nem aos problemas, nem aos temas que o cativaram de um princípio".

No *Ville panique* se faz presente, talvez com mais força que nunca, essa tendência ao *slogan*, à frase forte, à imagem terrível, junto a distintas combinações da mesma palavra com distintos prefixos (geo-, trans-, metro-, aeropolítica). Como se tudo isso fosse pouco, usa detalhes de edição, palavras em itálico, maiúsculas, versais, que, por momentos, conduzem a reflexão por uma rua cheia de pôsteres luminosos que acendem e apagam. Qual é a estratégia nesta proliferação? "É uma espécie de referência ao futurismo", diz Virilio.

Sou médio italiano e trabalho sobre a velocidade, os fenômenos de aceleração há 40 anos. O uso de detalhes de edição para chamar a atenção foi tirado das estratégias dos futuristas italianos. Algo assim como um processo de paródia com efeito de denúncia: eles conceberam a velocidade e muitas das coisas do mundo moderno como uma maravilha, mas eu as considero um horror".

Qual é para você a idéia central de *Ville panique*?

Não sei se há uma tese central. Acredito que um dos aspectos fundamentais é a possibilidade de uma superação do Estado nacional em benefício das grandes cidades, as grandes metrópoles, que têm mais importância que o estado-nação, como vemos na Europa em relação à União Européia. Há, então, uma espécie de metropolarização, diria, da política. Começa-se a falar de cidades-bem-estar (*ville-providence*) que superam o estado de bem-estar (*Etat-providence*). Com a globalização, o mundo se concentrou nas cidades, como a economia. Passamos da geopolítica, formada pela grandeza dos países, com seus territórios e suas fronteiras, à metropolítica. A cidade tem mais importância que o Estado. A crise do Estado põe em questão a extensão nacional em benefício da concentração local da grande cidade.

Este caráter desmesurado que adquiriu a cidade como problema político entranha novos problemas? Penso, sobretudo, no que mencionou sobre o ocorrido aqui em Buenos Aires a raiz do incêndio na discoteca República Cromañón.

O principal destes novos problemas é o que eu chamo de democracia da emoção. Passamos de uma democracia da opinião, com a liberdade da imprensa, a padronização da opinião pública, para uma democracia da emoção em que ocorre a sincronização das emoções.

Isso tem conseqüências políticas muito importantes, porque catástrofes tão importantes como as de 11 de março em Madrid, que foi um atentado, ou a de uma discoteca onde morreram 200 pessoas, que foi um acidente, podem levar a uma mudança de governo ou à crise interminável do mesmo governo. E não estou pensando somente na renúncia de um intendente ou de um prefeito, mas sim de uma mudança completa de governo ou de regime, ou seja, que pelo atentado ou pelo acidente se alcança o que antes se conseguia por meio de guerras e revoluções. Hoje, as grandes rupturas ocorrem por revelações acidentais, e não por revoluções provocadas. Voltemos para o exemplo da Espanha: antes inclusive do atentado de Madrid, que influi no triunfo do José Luis Zapatero, o governo do José Maria Aznar esteve seriamente em xeque pelo acidente do navio petroleiro Prestige¹⁷, porque não soube reagir à dimensão da catástrofe. Os terroristas fazem um uso muito inteligente desta democracia da emoção. Há um fenômeno completamente novo que põe em questão o próprio núcleo da democracia, porque agora se trata de um reflexo condicionado que substitui a reflexão em comum a que aspirava a democracia representativa. Quando a leitura dos jornais deu lugar ao tempo real da televisão, criou-se uma espécie de "reflexo eleitoral" pelo qual um acidente se converte em um fato político. O reflexo não é a inteligência, e muito menos o pânico que domina a cidade e que analiso em meu livro.

Você denuncia, no livro, a existência de uma "ideologia da segurança" que busca "atuar em todos os lados e sem demora para evitar o fato de ser surpreendido". Seria uma espécie de negativo catastrófico da "sociedade de risco", termo que até recentemente gozava de grande fama nas ciências sociais?

Para mim, o avanço da geopolítica, a metropolítica implica a volta ao Estado policial, a guerra contra o terrorismo. O que ocorre concretamente, hoje no Iraque, é um exemplo patente desta volta ao Estado policial. As cidades-estado gregas, que estão na origem de nossa idéia da democracia, eram também estados policiais. Os cidadãos eram soldados. A *polis* e a polícia estavam unidas. Hoje, porém, se dissociaram estes dois aspectos e se resgata só o valor de

¹⁷ Em 19 de novembro de 2002, o *Prestige*, um navio-tanque de casco simples com 26 anos de idade, portando bandeira de Bahamas, e que conduzia 77.000 toneladas de óleo pesado, afundou a 130 milhas da costa da Galícia, na Espanha. As graves conseqüências de mais esse acidente em suas águas levaram a União Européia a adotar diversas medidas, entre as quais o banimento de navios considerados perigosos à segurança marítima. (Nota do *IHU On-Line*).

polícia. É neste sentido que se terá de entender o termo "sociedades de controle". E além disso, estas sociedades de controle operam com uma lógica concentracionária que, isso sim, não aponta como no passado para a exterminação em grande escala. O processo atual nos Estados Unidos o ilustra perfeitamente: a *Patriot Act*¹⁸ que restringe as liberdades civis, o que ocorre em Guantánamo, enfim, toda a guerra contra o terrorismo consiste em colocar em prática um Estado policial global. Saímos dos grandes exércitos nacionais para a polícia da metropolítica mundial.

Cite o caso de Guantánamo, ao qual se refere também Giorgio Agamben¹⁹ em seu livro *Estado de exceção*, como parte da lógica concentracionária atual. Compartilha com seu ponto de vista sobre o estado de exceção?

Bom, eu sou filho da guerra, tenho 74 anos e vivi plenamente a Segunda Guerra Mundial. Isso me diferencia do Agamben. E esta diferença não é anedótica, porque eu vivi esses processos nas cidades e foi isso o que me levou a refletir sobre a cidade. Eu falo da política do meu lugar de urbanista, do meu interesse pela cidade, e não da teoria política clássica. É obvio que posso tomar questões que tenhamos em comum, e por isso o cito, mas meu ponto de ataque do problema da política atual é diferente. Para mim, a lógica concentracionária tem que ver com o abandono da *cosmópolis*, a cidade aberta ao mundo, que é substituída pela *claustrópolis*, uma vigilância global pelas tecnologias que a América Latina conhece bem, com os radares e os satélites que dominam o subcontinente com o argumento que for (luta contra o narcotráfico, guerra contra o terrorismo). Isso é um fenômeno nitidamente retrógrado.

Pode-se dizer que o controle pelo espaço, algo que você chama "aeropolítica", não é um fenômeno novo

Efetivamente. A aeropolítica ficou consagrada definitivamente com a Segunda Guerra Mundial, em especial com os bombardeios maciços a populações civis. O *air power* abriu esta possibilidade de controlar regiões inteiras com forças aéreas. E nisso também contribui o próprio fenômeno urbano que eclode maciçamente no século XX, porque é a grande concentração de população que converte a cidade em um alvo predileto. Foram os aviões que provocaram a debilitação do componente territorial da política. A política da terra, das fronteiras, está cedendo passo à política do ar, a aeropolítica. A confirmação vem de certos fenômenos do urbanismo, como a concepção de Brasília, a capital do Brasil: foi planificada de uma visão aérea.

Na guerra atual, diz, o Ministério do Medo está substituindo ao clássico Ministério da Guerra. Mas à luz da manipulação informativa, a relação entre guerra e informação não

¹⁸ Nove dias após os atentados de 11 de setembro de 2001, nos Estados Unidos, o presidente norte-americano George W. Bush convocou o Congresso e solicitou a aprovação de uma lei, o *USA Patriot Act*. Através dela foram mudadas as concepções de liberdade e suspensos os direitos constitucionais ligados à privacidade. A oposição ao *Patriot Act* é de tal forma forte e generalizada, que muitas das iniciativas que fazem parte do pacote legislativo não foram ainda postas em prática. (Nota do *IHU On-Line*)

¹⁹ Giorgio Agamben nasceu em Roma, em 1942. É professor da Facoltà di Design e arti della IUAV (Veneza), onde ensina Estética, e do College International de Philosophie, de Paris. Formado em Direito, foi professor da Università di Macerata, Università di Verona e da New York University, cargo ao qual renunciou em protesto à política do governo norte-americano. Sua produção centra-se nas relações entre filosofia, literatura, poesia e fundamentalmente, política. Entre suas principais obras estão *Homo Sacer* (Einaudi, 1993/ *Homo sacer- O poder soberano e a vida nua -UFMG*), *Que lê resta di Auschwitz*, (Bollati Boringhieri, 1998) e *Stato di Eccezione* (Bollati Boringhieri, 2003). A matéria de capa do *IHU On-Line* 81ª edição, de 27 de outubro de 2003, é dedicada à Giorgio Agamben. (Nota do *IHU On-Line*)

configura hoje, mais que um Ministério do Medo, o clássico Ministério da Informação no qual trabalha Winston Smith, na novela - 1984- de George Orwell? Mais ainda, não implica esta estrutura seus próprios limites como sistema de manipulação, como o mostra o escândalo das torturas no cárcere iraquiano do Abú Ghraib?

O Ministério da Informação de 1984 e os mecanismos clássicos da censura trabalham na lógica da subexposição. Acredito que hoje assistimos a uma censura, que é produto da sobreexposição. A subexposição fracassa frente à necessidade de sobreexpor, de dar informação sem cessar. Mas esta sobreexposição não é um símbolo de liberdade, porque, ao nos invadir completamente, perdemos de vista a realidade e nos impede a ação. Hoje é muito difícil ocultar informação, mas igualmente difícil é que uma revelação de informação (que não é a revelação acidental que mencionei anteriormente) provoque um "despertar" das consciências e uma mudança política profunda, ou seja, o cenário é bastante mais complicado que o previsto em 1984. O poder dos meios em nível global é muito mais complexo que a televigilância que descrevia Orwell²⁰. Este é um fenômeno novo, que eu estudei em vários de meus livros, mas que requer ainda muitas análises. O Ministério do Medo, penso, se refere à obra homônima de Graham Greene²¹, publicada em 1943. O medo e o pânico são os grandes argumentos da política moderna. Isso já tinha começado com o equilíbrio do terror da Guerra Fria, mas o processo foi relançado com uma potência nova pelo desequilíbrio do terrorismo. Assistimos a um relançamento do pânico como política e temos que trabalhar muito para compreendê-lo e combatê-lo.

Em seu livro, também menciona o curioso fenômeno pelo qual se detestam os monoblocos e se celebra quando um deles é demolido. Você reivindica a possibilidade de a gente mesma construir, criar um espaço habitável no meio de habitações pré-fabricadas. Retoma o que Heidegger²² e Ivan Illich²³, entre outros, expuseram sobre a relação entre construir e habitar?

²⁰ Aqui, refere-se ao livro **1984**, de George Orwell (1903-1950) (São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1998), no qual apareceu pela primeira vez o onipresente *Big Brother*, o Grande Irmão, através de uma tela. (Nota do **IHU On-Line**)

²¹ Graham Greene (1904-1991): escritor britânico. Começou a escrever desde muito novo para jornais e revistas universitárias. Em 1926 mudou-se para Londres, tendo trabalhado no **The Times** e outros jornais. Durante a Guerra trabalhou para o serviço de informações do Ministério dos Negócios Estrangeiros, e foi destacado para a África Ocidental, que viria a servir-lhe de cenário para **The Heart of the Matter**. Viajou como jornalista por vários países, incluindo o México onde se deslocara para estudar as perseguições religiosas que aí tinham lugar, escrevendo depois **O Poder e a Glória** (1940). É autor de vários romances bem conhecidos e traduzidos em muitíssimas línguas: **Brighton Rock** (1938); **The Third Man**, 1949; **O Fim da Aventura** (1951); **O Americano Tranquilo** (1955); **O Nosso Homem em Havana** (1958); **The Human Factor** (1978), entre outros. (Nota do **IHU On-Line**)

²² Martin Heidegger de Messkirch (1889-1976.): filósofo alemão. Doutorou-se em filosofia sob a orientação de Husserl. Em 1933, acontecimentos políticos levaram-no a aderir ao partido nazista e assumir a reitoria da Universidade de Friburgo, cargo do qual se demitiu alguns meses depois. A seus olhos, o que define a ontologia e sua história é o esquecimento do ser como lugar de questionamento. Ora, o ser como questão define um ente particular, que é o ser-aí, o Dasein. Este Dasein é o homem. Ora, o ser-aí é aquele que pode ao mesmo tempo existir e saber, a todo momento e ao mesmo tempo, que deixar de existir: é um "ser-para-a-morte". Aceitar esta situação é o sinal da autenticidade, para o homem. Colocar a questão da autenticidade, para o homem, é levantar as diferentes maneiras de ser: facticidade, derrelição, historicidade. São os temas fundamentais que Heidegger aborda na sua obra máxima, *O ser e o tempo* (1927). A problemática heideggeriana é ampliada em **Que é Metafísica?** (1929), **Cartas sobre o humanismo** (1947), **Introdução à metafísica** (1953). (Nota do **IHU On-Line**)

²³ Ivan Illich (1926-2002): padre, teólogo, sociólogo, histórico heterodoxo, pensador radical, é considerado, juntamente com Marcuse, Fromm e outros expoentes da Escola de Frankfurt, como um precursor do movimento antiglobalização. O **IHU On-Line** número 46, de 9 de dezembro de 2002, dedicou a sua matéria de capa a Ivan Illich. (Nota do **IHU On-Line**)

Pode ser. É evidente que já somos vagabundos, *homeless*, que não temos lar por mais que tenhamos um teto. Mas acredito que a estas reflexões terá que se lhes somar um componente atual muito importante: a mobilidade social, os fluxos migratórios que acompanham a mundialização, ajudam muito a nos sentir como se não pertencêssemos a lugar nenhum. Estamos deixando a época da sedentarização. Até hoje, houve, na história da civilização, um equilíbrio entre sedentários e nômades. Hoje esse equilíbrio se rompeu: pode-se ser sedentário, sendo nômade. A gente pode estar em todas partes, seja pelos meios de transporte, seja pelos meios de comunicação, mas também em nenhum lugar, porque se carece da inscrição em um território, além do que indiquem os documentos de identidade, os cadastros, etc.

Isso produz o ódio pelo qual se festeja a destruição de um espaço que alguém habitou?

Sim. Claro que terá que ver o que são esses edifícios residenciais; para compreender o que não lhes afetou. Mas há um aspecto essencial neste fenômeno das festas das demolições: destrói-se o passado. Não se destrói somente um edifício, com tudo que lhe seja odioso, mas sua história e a de sua habitação. E isso sim é muito grave. Assistimos a um verdadeiro culto do presente em que o passado é esquecido completamente. E em relação ao futuro, certamente não é radiante. Todo o mundo está ansioso, inquieto, por nosso futuro, porque se abatem muitas ameaças: o terrorismo, o desastre ecológico, etc. Gozar da destruição do passado é o que eu chamo de *Tábula rasa*, artigo com o qual começo meu livro. Façamos tábula rasa do passado. Isso é outro fenômeno de pânico. Hoje, tudo é pânico. Estamos passando da guerra fria ao pânico frio. E isso é um acontecimento cultural — e não político — enorme.

[\(Voltar ao índice\)](#)

Entrevista da Semana

EINSTEIN: UMA PESSOA BRILHANTE E AFORTUNADA

Entrevista com Paul Davies

*Na edição desta semana, propomos ao leitor a análise de uma entrevista realizada com o físico Paul Davies, por Luis Miguel Ariza, e que foi publicada no jornal **La Razón**, em 20 de março de 2005. Nela, Davies fala sobre a importância de Albert Einstein no ano em que se celebra o centenário de seu “*annus mirabilis*”²⁴.*

Viajar ao futuro implica que o tempo para o viajante transcorra com maior lentidão, e isso ocorre se a gente estiver perto de um muito intenso campo gravitacional ou se se aproximar da velocidade da luz. A velocidade torna o tempo lento. Disse-o Albert Einstein, o gênio que assumiu princípios filosóficos para dar um tombo à física do século XX, explica-nos o físico e divulgador britânico Paul Davies, cuja atividade foi incansável para aproximar as idéias de Einstein ao grande público. Davies é um humanista que explora questões tão divergentes como a existência de vida em outros mundos ou a busca de realidades que conjuguem achados cosmológicos com os princípios teológicos.

²⁴ O Instituto Humanitas Unisinos promove o Simpósio Internacional Terra Habitável: um desafio para a humanidade, em maio deste ano, que celebrará, entre outras memórias, o centenário do *annus mirabilis* de Albert Einstein (Nota do **IHU On-Line**)

Faz cem anos do *annus Mirabilis* de Albert Einstein, 1905, e seus quatro míticos trabalhos que fizeram cambalear a física: o movimento browniano (uma evidência da existência dos átomos), o efeito fotoelétrico (sobre o que se apóiam os lasers e que lhe valeu o Nobel), a equivalência entre massa e energia ($E = mc^2$) e a perseverança da velocidade da luz. Dez anos depois, em 1915, Einstein elaboraria sua teoria geral da relatividade, em que descreveria magistralmente a gravidade, não como uma força, mas como uma "amalgadura" no tecido do espaço-tempo. O melhor interlocutor entre suas idéias e o grande público é o físico britânico Paul Davies, com dezenas de livros de divulgação sobre cosmologia e viagens no tempo, e trabalhos de rádio e televisão para a prestigiosa BBC. Davies, um dos cientistas "mais brilhantes do mundo", segundo a organização Templeton, investiga no centro da Astrobiologia, localizado na Universidade Mcquaires, na Austrália. É também professor de Filosofia Natural.

Por que Einstein foi tão popular?

Poderíamos nos perguntar se isso se deveu por causa de uma série de circunstâncias especiais nos começos do século XX, ou porque Einstein era uma pessoa brilhante que olhava para o futuro e que resolveria as questões mais importantes da física.

Por qual explicação se inclina?

Einstein era muito inteligente, mas também foi afortunado, já que a forma como pensou, encaixava com os problemas da época. Não era um grande matemático, mas foi capaz de pensar em imagens, pôde inserir vários princípios filosóficos e acreditou que era correto usá-los na física. Seu trabalho foi espetacular, dado o estado da física, em princípios do século XX.

Teria êxito hoje em dia?

Não acredito que essa maneira de trabalhar tivesse êxito agora. Hoje, a física é muito mais matemática. Um só físico não pode, por si só, dirigir todas as ferramentas matemáticas e resolver todos os problemas fundamentais. Em laboratórios de partículas como o CERN, vemos centenas de cientistas, trabalhando juntos para realizar os descobrimentos. Portanto, a idéia de um indivíduo brilhante, capaz de colocar seu dedo no pulso da natureza para fazer um enorme avanço para frente sem suficiente experiência técnica ou sem ser um grande matemático não se contempla hoje na física. Se pegássemos o Einstein de cem anos atrás e o transpuséssemos para o futuro, acredito que um físico é que o faria muito bem, mas não creio que realizasse esses assombrosos avanços que obteve em princípios de século.

Falando de viagens ao futuro, o que disse o próprio Einstein a respeito?

Há cem anos, ele predisse que as viagens ao futuro eram possíveis. Se viajas à velocidade da luz, é possível "saltar" para o futuro. Hoje sabemos que isso é certo. Podemos medir esta distorção no tempo em naves espaciais, usando relógios atômicos. O efeito é muito pequeno, só de mil-milhonésimos de segundo, já que estes veículos vão muito lentos em comparação com a luz. Mas se pudéssemos fabricar naves espaciais que fossem a 99 por cento da velocidade da luz, seria possível para os seres humanos saltar muitos anos para o futuro.

Parece algo muito exótico.

As partículas subatômicas, que viajam quase à velocidade da luz nos aceleradores de partículas, sofrem esta demora do tempo, é algo que podemos medir. Portanto, podemos viajar para o futuro.

E o que me diz do passado?

Este método não nos permite isso. É uma viagem só de ida. Desde que Einstein formulou sua teoria da relatividade em 1915, muita gente se perguntou se não seria possível retroceder no tempo. Einstein não gostava dessa idéia. Mas seu colega austríaco, Kurt Gödel, encontrou uma solução nas equações de campo gravitacional de Einstein que permitiam viajar ao passado. Para isso, o Universo teria que estar rodando. E sabemos que não é certo, o Universo se expande. Mas muita gente encontrou outras soluções extras que permitiriam viajar ao passado.

Qual é a mais singular?

Os buracos de verme. São como um atalho que conecta dois pontos do espaço. Se tivéssemos um buraco de verme aqui, iríamos usá-lo para saltar ao outro extremo da galáxia.

Rochas que chegam de Marte

Você sugeriu que a vida pôde chegar à Terra de Marte.

Marte atual não é um planeta favorável para a vida, mas, no passado, quando era mais quente e úmido, foi um lugar melhor que a Terra. Se a vida surgiu ali, poderia ter chegado de forma fácil. Cada vez que Marte foi golpeado por um cometa, as rochas saltariam ao espaço, voariam pelo sistema solar e algumas chegariam à Terra. Hoje sabemos que os micróbios não só vivem na superfície das rochas, mas também em seu interior. Se tivéssemos rochas de Marte, os micróbios de dentro estariam protegidos da viagem espacial. Os cálculos mostram que poderiam sobreviver milhões de anos protegidos da radiação exterior. Existe, pois, um mecanismo natural pelo que se estende a vida de Marte à Terra.

Que conseqüências teria se algo assim tivesse sucedido?

Se a vida em Marte tivesse chegado à Terra, encapsulada em um meteorito, teria a implicação de que toda a vida na Terra descenderia de Marte. Seríamos os descendentes dos marcianos.

Acredita que a física pode encontrar algo parecido com Deus?

Não acredito que a ciência possa provar ou descartar a existência de Deus, mas sim abordar perguntas relacionadas com Deus. Comecei minha carreira, estudando a origem do Universo, a natureza do tempo, a natureza da consciência. São questões que têm centenas de anos e que antes estavam fora do alcance da ciência. Agora são parte dela. Os cientistas fazem para si as mesmas perguntas que os teólogos.

[\(Voltar ao índice\)](#)

O CONCLAVE. PROSPECTIVAS

CONCLAVE PODE ELEGER UM SANTO

Por Juan Arias

*O jornalista Juan Arias é especialista em assuntos do Vaticano. Ele escreveu o artigo que segue no jornal **El País**, do qual é correspondente no Brasil, em 9 de abril de 2005. Juan Arias é também escritor. Foi correspondente na Itália e no Vaticano por 34 anos e é autor de dois livros sobre João Paulo II, **El enigma Wojtyla** e **Un Dios para Wojtyla**. Acaba de publicar um livro sobre Maria, intitulado **Maria, esa gran desconocida** (Maria, essa grande desconhecida), pela editora espanhola Maeva.*

Pode parecer ingenuidade afirmar que os cardeais — que no próximo dia 18 vão se reunir em conclave sob o olhar severo das imagens pintadas por Michelangelo e jurar que elegerão um Papa ditado por suas consciências — estão buscando um candidato santo. Mas isto foi afirmado explicitamente pelo cardeal francês Philippe Barbarin: — O que peço a Deus é que seja eleito um santo — disse. — O importante é que, ao olhar o seu rosto e ao ouvir a sua voz, possamos sentir que Cristo está entre nós.

Os leigos sobre assuntos vaticanos poderiam perguntar-se por que não há que presumir que todos os cardeais são, de algum modo, santos. E poderiam perguntar-se também se a primeira preocupação do futuro conclave não deveria ser a de buscar um Papa capaz de sentir o pulso das necessidades da Igreja Católica e de todos os problemas pendentes de solução dentro e fora dela; ou seja, as grandes questões que ao novo papado apresenta este século XXI recém-iniciado.

Existe o perigo, sustenta um bispo suíço, de que dessa vez, fascinados pela fama de santidade que estão dando os fiéis de quatro continentes a João Paulo II — um Papa que, como asseguram os cardeais, “levou de volta a missa até mesmo a Fidel Castro” — pese na escolha muito mais a obsessão por um Papa santo do que outras exigências, um tanto mais terrenas, que agitaram os Conclaves anteriores.

— A morte santa do Papa João Paulo II foi uma vitória para a Igreja — disse o cardeal Dom Eugenio Sales, arcebispo emérito do Rio de Janeiro, na quinta-feira. — Nunca na História da Humanidade um morto, e não um vivo, havia reunido ao seu redor o mundo inteiro.

Os cardeais se sentem orgulhosos do exemplo de santidade que a Igreja deu ao mundo através do Pontífice falecido e já aclamado como santo pelos fiéis de todo o mundo. Não há dúvida de que esse fato, assim como as filas intermináveis de pessoas, que esperaram mais de dez horas para se despedirem, mesmo que por apenas alguns segundos, do Papa polonês, terão um impacto especial no Conclave.

E diante desse impacto poderiam muito bem descartar inclusive as negociações realizadas pelos diferentes grupos de pressão que vêm preparando, nos últimos meses, a eleição do sucessor de Karol Wojtyła. Sua morte, considerada como um arremedo da de Cristo na cruz, pode dar um curso diferente às águas previamente desenhadas sobre a sucessão do Pontífice. Os cardeais puderam ver, quinta-feira, o desfile pelas ruas de Roma de dezenas de milhares de jovens de todo o mundo carregando cartazes com os dizeres: “João Paulo II Santo”.

Curiosamente, os cardeais que, neste Conclave, podiam ter uma visão mais universal dos graves problemas que afetam a Igreja e o mundo, os mais preparados intelectualmente, como os alemães Karl Lehmann e Kasper Walter, ou o belga Godfried Danneels e o italiano Carlos Martini, não estão na lista dos chamados santos.

Segundo um teólogo adepto da Teologia da Libertação, os cardeais entendem como santo um cardeal bonachão, bastante próximo às pessoas, com grande capacidade oratória e imbuído de uma luz de espiritualidade, “embora desconheça os verdadeiros desafios que se apresentarão à Igreja Católica do terceiro milênio, que perde povos inteiros que se convertem ao islamismo ou a seitas, porque Roma não sabe entender os problemas que afetam a sociedade laica e tecnológica”. Uma sociedade em que a ciência ameaça inclusive vencer a morte, ao passo que a Igreja continua negando aos cristãos o direito a uma morte digna e sem dor.

Sem dúvida, os cardeais dos últimos tempos, sobretudo depois de Pio XII, souberam eleger para o Trono de São Pedro pessoas que de algum modo — João XXIII, Paulo VI, João Paulo I e João Paulo II — foram figuras de uma grande estatura moral, sem ter dado vez a escândalos, como deram outros papas da História e com uma evidente carga de espiritualidade. A preocupação dos cardeais em escolher um papa de uma certa idade, evitando os candidatos

excessivamente jovens, tem a finalidade de evitar as surpresas desagradáveis, já que é mais fácil, segundo dizia um bispo romano, que numa certa idade “nossa carne esteja mais sossegada”.

Uma coisa é se pensar para Papa um cardeal com inegável força moral e religiosa e outra que a maior preocupação seja que ele tenha cara de bonzinho, que reze muito e saiba conquistar as pessoas com seu sorriso. João XXIII tinha tudo isso, mas foi muito mais que isso: teve a audácia de convocar um Concílio que a Cúria não desejava, de abrir um diálogo com o mundo, de falar pessoalmente com Nikita Krushev para evitar a guerra durante a crise dos mísseis e de ter tão pouca arrogância e apego ao cargo que às vezes, como confessou um dia seu secretário particular, Loris Capovilla, se esquecia de quem era e lhe dizia em voz baixa: “Teremos que consultar o Papa”.

[\(Voltar ao índice\)](#)

ESPAÇO PARA O DIÁLOGO

Por João Batista Libânio

*Reproduzimos o artigo a seguir, de João Batista Libânio, publicado no jornal **Folha de S. Paulo**, em 9 de abril de 2005. Mestre e doutor em teologia, João Batista Libânio é professor de teologia no Instituto Santo Inácio, dos jesuítas, de Belo Horizonte. O padre e Prof. Dr. João Batista Libânio ministrou a conferência **O Lugar da Teologia na sociedade e na universidade do século XXI**, dia 25 de maio de 2004, no Simpósio Internacional **O Lugar da Teologia na Universidade do Século XXI**, promovido pelo IHU. Padre Libânio é licenciado em Filosofia pela Faculdade de Filosofia de Nova Friburgo, no Rio de Janeiro, licenciado em Letras Neolatinas pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, licenciado em Teologia pela Hochschule Sankt Georgen, em Frankfurt, Alemanha, e doutor em Teologia pela Pontifícia Universidade Gregoriana de Roma. É autor de, entre outros, **Eu Creio - Nós Cremos**. São Paulo: Loyola, 2000; **As lógicas da cidade: o impacto sobre a fé e sob o impacto da fé**. São Paulo: Loyola, 2002; **Introdução à vida intelectual**. São Paulo: Loyola, 2002; **A Religião no início do milênio**. São Paulo, Loyola, 2002; **Crer num mundo de muitas crenças e pouca libertação**. Valência: Siquem/Paulinas, 2003; e **Olhando para o futuro. Prospectivas teológicas e pastorais do Cristianismo na América Latina**. São Paulo: Loyola, 2003. **IHU On-Line** entrevistou João Batista Libânio na 103ª edição, de 31 de maio de 2004.*

Houve, sem dúvida, um enrijecimento nas posições oficiais da Igreja Católica sobre temas científicos e morais. Cabe esperar uma mudança de atitude no referente ao diálogo nesses dois campos.

Partindo da convicção atual de que nenhuma instância detém a totalidade da verdade, impõe-se um diálogo interdisciplinar. Um tema se torna mais claro e o conhecimento mais próximo da verdade na medida em que cada ciência traz sua contribuição. A verdade cresce na proporção em que a racionalidade humana desvenda e se aproxima do real. Ensinos teológicos, ao longo da história, modificaram-se em questões importantes porque as ciências ampliaram o conhecimento do objeto.

Tornou-se clássica a questão do geocentrismo ensinado a partir de uma interpretação da Escritura, que sofreu críticas por parte das teorias de Copérnico e Galileu, obrigando a teologia a nova compreensão do ensinamento bíblico. Hoje é tranqüila a compatibilidade entre o heliocentrismo e a fé cristã.

Até 1950, Pio 12 não via como conciliar a teologia do pecado original e o evolucionismo e poligenismo. Passadas algumas décadas, esse estranhamento doutrinal foi superado por nova compreensão do pecado original.

Se assim aconteceu no passado, nada impede que posições teológicas de hoje se modifiquem por influência dos avanços científicos. O contrário também se deu. As próprias ciências, por influência do pensamento teológico, reviram posições radicais e perceberam claramente seus limites. Hoje a posição empirista do Círculo de Viena, que só considera verdadeiro o conhecimento verificável, já não é aceita, ao ser relativizada pela própria física quântica.

Portanto a compreensão da fé somente avança e responde aos momentos da história em contínuo diálogo com as ciências, o que implica a atitude de buscar a verdade autocriticando a própria posição, a partir das contribuições que os outros saberes oferecem, e propondo com razões convincentes as próprias verdades. Nenhum saber esgota a totalidade do real.

Se tal postura vale para os ensinamentos teóricos, aos dogmáticos com muito mais razão, a respeito dos costumes. Aqui também a história, mestra da vida, na expressão de Cícero, ensina-nos como a igreja modificou posições importantes por força da evolução cultural dos costumes.

Era prática comum considerar a usura imoral. Por usura entendia-se pedir mais do que se tinha emprestado. Ao emprestar a alguém uma pataca de prata no início do ano, era imoral cobrar-lhe mais no final do ano. A prática econômica modificou-se radicalmente com o capitalismo. Uma pataca de prata pode render muitas patacas ao longo de um ano e, portanto, exigir juros - o novo nome da usura- não é imoral. Algo de condenado passou a ser aceito.

Aconteceu também o contrário. Uma concepção de salvação impediu que se visse a aberração ética da escravatura. Ela era justificada em vista do batismo do escravo. Que é melhor para o escravo da África, permanecer livre e ser condenado ao inferno ou vir escravo ao Brasil e aqui ser batizado com chances de salvação? Assim, missionários justificaram a escravidão. Hoje essa argumentação nos parece uma aberração.

Algumas questões morais que o ensinamento oficial atual rejeita podem ser modificadas desde que novas compreensões do ser humano, da sociedade, interfiram. Só a discussão livre permite que os argumentos venham à tona e se confrontem.

Tomemos o exemplo do uso da camisinha. Uma política de Estado -digamos, de um país da África, onde a Aids se propagou de maneira avassaladora- de conscientizar a população para o uso desse preservativo não pode ser sem mais condenada como contra a ética. É dever do Estado defender a vida das pessoas, e ele julga com argumentos de racionalidade política ser o uso da camisinha o caminho viável para evitar o mal da pandemia da Aids. Uma posição da igreja que se opõe a tal política sem se dar conta da gravidade e complexidade do problema não responde à racionalidade da situação. Cabe-lhe não se contrapor a tais medidas, mas ampliar o conhecimento humano sobre a sexualidade, apontando outros aspectos de humanidade que essa política não explicita. Entra-se em diálogo, e não em confronto.

Há, assim, tanto nas questões dogmáticas como morais, espaço para diálogo entre os diferentes saberes e instâncias. O papel da igreja é resgatar, a todo momento, a dignidade transcendente do ser humano, para que as instâncias políticas e científicas não a desconheçam. Por sua vez, estas oferecem aspectos que a posição eclesial deve levar em consideração para formular seus ensinamentos.

Espera-se, portanto, do novo pontificado corajoso diálogo com as ciências, sobretudo as da vida, e com as novas questões morais daí decorrentes.

[\(Voltar ao índice\)](#)

JOÃO PAULO II: BALANÇO E PROSPECTIVAS, SEGUNDO UM TEÓLOGO LEIGO

Entrevista com Faustino Teixeira

A entrevista que segue, realizada com Faustino Teixeira, foi publicada pela Agência Carta Maior, em 8 de abril de 2005. Faustino Teixeira é professor do Departamento de Ciência da Religião no Instituto de Ciências Humanas e Letras da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), e foi coordenador do PPG em Ciência da Religião (PPCIR) da UFJF. É também consultor da Capes e do ISER-Assessoria do Rio de Janeiro. É pós-doutor pela Pontifícia Universidade Gregoriana (PUG), Itália, doutor em Teologia, pela mesma universidade com tese titulada **A fé na vida: um estudo teológico-pastoral sobre a experiência das CEBs no Brasil**, mestre em Teologia, pela PUC-RJ e graduado em Filosofia e em Ciências da Religião pela UFJF. Entre suas últimas obras publicadas, destacamos: **A fé na vida: um estudo teológico-pastoral sobre a experiência das CEBs no Brasil**. São Paulo: Loyola, 1987; **A gênese das CEBs no Brasil**. São Paulo: Paulinas, 1988; **Teologia da Libertação: Novos desafios**. São Paulo: Paulinas, 1991. Ele é organizador do livro **No limiar do mistério. Mística e Religião**. São Paulo: Paulinas, 2004. Dele publicamos um artigo sobre Roger Haight, na 131ª edição do **IHU On-Line**, de 7 de março de 2005, e uma entrevista sobre mística comparada na 133ª edição, de 21 de março de 2005.

Carta Maior – Qual o balanço do pontificado de João Paulo II?

Faustino Teixeira – Sob o ponto de vista da dinâmica institucional, o pontificado de João Paulo II foi marcado por um grave processo de centralização da igreja católico-romana e uma definida afirmação de identidade, que provocou um abafamento da autonomia das conferências episcopais, cerceou ou bloqueou o desenvolvimento das pastorais mais comprometidas com os processos sociais e reprimiu a dinâmica criativa da reflexão teológica. Mas não se pode negar, ao mesmo tempo, a significativa presença de gestos proféticos de João Paulo II, sobretudo no âmbito da ação externa da igreja, seja na luta em favor da paz e contra a guerra, seja no empenho ecumênico e no diálogo inter-religioso. Gestos novidadeiros e paradigmáticos aconteceram em eventos diversificados como a Jornada Mundial de Oração em Assis (1986), no encontro com os jovens muçulmanos em Casablanca (1985), na visita à sinagoga de Roma (1986) e ao monumento de Gandhi, na Índia (1985), bem como na importante peregrinação à terra santa (2000). Há que lembrar, igualmente, a profética e ousada oposição do Papa contra a invasão do Afeganistão e a guerra no Iraque, na contramão de uma cruzada americana em favor do choque de civilizações. Muitos desses gestos causaram perplexidade e oposição da cúria romana e levaram o Papa a viver uma certa situação de “solidão institucional”, como lembrou o vaticanista Giancarlo Zizola²⁵. O pontificado é marcado por esta aporia: gestos proféticos que se contrapõem a precisas e infelizes escolhas institucionais.

CM – Qual o balanço da cobertura da mídia a partir de sua morte?

FT – É de fato impressionante a cobertura que vem sendo dada pela mídia, e também chama a atenção o grau de envolvimento das pessoas, religiosas ou não, em torno da morte do Papa. De fato, com João Paulo II o papado ganhou inusitada projeção universal. Num tempo de marcada violência e de fascínio pelo mal, ele se afirmou como autoridade moral de grande importância, e isto positivamente. Não sem razão, Carlos Heitor Cony expressou que o Papa firmou-se como “ícone branco do Ocidente”, um porta voz profético da luta em favor da paz. Mas há ainda um outro fator de sua trajetória pessoal que é muito importante: a dimensão mística de sua personalidade, a atenção permanente à vida de oração. É no segredo desta raiz

²⁵ Giancarlo Zizola, jornalista e escritor, é especialista no Vaticano. É autor de **L'altro Wojtyla**, publicado, originalmente, em 2002. A tradução espanhola, sob o título **La otra cara de Wojtyla** é de 2004 e publicado pela Editora Tirant Lo Blanch de Valencia. Giancarlo Zizola é um considerado um dos mais importantes jornalistas especializado nas questões da Igreja Católica. Vários comentários do jornalista sobre o pontificado de João Paulo II foram publicados na edição 135 do **IHU On-Line**, de 4 de abril de 2005. (Nota do **IHU On-Line**)

mística que se firmou sua convicção sobre a sacralidade da dignidade humana. Num tempo marcado pelo “pensamento débil”, pela “crise das narrativas” e pelas relativizações, o Papa vem reforçar o sentido de uma relação positiva com o sagrado, que fornece um referencial e fundamenta a dinâmica vital. Não há como apagar da memória a força de seus gestos, de suas orações, dos silêncios dolorosos, como aconteceu em Israel diante do memorial de Yad Vashem, dedicado aos seis milhões de judeus mortos na tragédia da Shoah, bem como na visita ao campo de refugiados palestinos de Dheisheh. Em sua rica biografia sobre o Papa, o jornalista Bernard Lecomte²⁶ assinalou que “se tivesse que ficar apenas uma foto do pontificado de João Paulo II” seria a do Papa em Jerusalém, no muro das lamentações, com sua veste branca contrastando com as grandes pedras claras e reluzentes, grávidas de história. Por um minuto o Papa permanece só diante das grandes pedras. Apóia sua mão trêmula sobre a pedra, a acaricia e permanece em silêncio: busca comungar do fluido que emana deste lugar simbólico. Depois de percorrer com o olhar cada fissura das pedras, deposita sua mensagem com o pedido de perdão. Gestos como estes falam muito mais forte do que os documentos reticentes, e são capazes de ampliar os horizontes e revelar aberturas inusitadas.

CM – Duas imagens deste pontificado se fixaram: João Paulo II, o Papa conservador, antiaborto, antipreservativos, anti-homossexualidade, por exemplo; e João Paulo, o Papa hipermoderno, o Papa midiático, do diálogo inter-religioso, das críticas à guerra do Iraque. Qual o legado, afinal, deste Papa para o futuro da Igreja.

FT – De fato, estamos diante de um João Paulo II “bifronte”, como fala Zizola, de gestos proféticos que se contrapõem, dolorosamente, a precisas escolhas institucionais. Mas a memória capta sobretudo os traços que fazem avançar e que apontam a horizontes novos. Nesse sentido, o legado mais importante não se relaciona com as atitudes intransigentes e antimodernas de sua dinâmica institucional, mas com seus gestos grávidos de futuro, como sua opção pela paz e radical aversão à guerra. Diante do corpo diplomático, em janeiro de 2003, expressa sua radical oposição à guerra no Iraque: “a guerra é sempre uma derrota para a humanidade”.

CM – Estivemos juntos recentemente na cobertura do Fórum Mundial de Teologia e Libertação, onde ficou patente a extraordinária riqueza dos temas atualmente abordados neste campo: feminismo, multissexualidade, pluralismo geográfico. Há um contraste enorme com a estreiteza presente nas interpretações da cúpula de cardeais que ditam as normas políticas a partir do Vaticano. Isto não é um abismo problemático para o futuro da Igreja?

FT – Nada mais salutar e urgente para a teologia do que um espaço precioso e garantido para o seu aprofundamento livre e sua criatividade hermenêutica. Nestes quase 27 anos de pontificado foram inúmeros os teólogos que sofreram punições injustas e violentas, tanto no campo da teologia moral, da teologia da libertação e da teologia do pluralismo religioso. Mas apesar do difícil contexto da conjuntura eclesial internacional, inúmeros teólogos e teólogas de todas as partes do mundo continuam teimosamente vivos no seu projeto de repensar a fé a

²⁶ Bernard Lecomte: jornalista francês, especialista em países do Leste Europeu, particularmente da Polônia, abandonou sua carreira após ter passado pelos semanários *L'Express*, *Figaro Magazine* e pelo diário católico *La Croix* para se dedicar exclusivamente a uma biografia do papa João Paulo II, a quem conhecia desde os tempos da crise polonesa. O livro foi publicado em português, em 2005, pela Record com o título: *João Paulo II - Biografia*. (Nota do *IHU On-Line*)

partir de novos contextos e novos desafios. O Fórum Mundial de Teologia e Libertação foi uma expressão desta criatividade.

CM – Duas avaliações correntes: João Paulo II centralizou a Igreja em torno do papado e de Roma, preservando a sua unidade; a Igreja está perdendo contato com a juventude, os temas contemporâneos de liberdade comportamental, com a necessidade de transformações sociais, e por isso está perdendo fiéis. Há contradição nestas avaliações?

FT – De fato, pesquisas importantes têm demonstrado o crescente distanciamento dos jovens das práticas religiosas instituídas. Na Itália, importantes pesquisas realizadas pelo educador Mario Pollo têm indicado que as novas gerações, entre 18 e 24 anos estão cada vez mais distanciadas da fé católica. No Brasil, são significativas as conclusões de uma pesquisa sobre o perfil da juventude brasileira, e as análises tecidas pela socióloga Regina Novaes a respeito dos jovens “sem religião”. Ela mostra com muita clareza o crescimento dos adeptos de “formas não institucionais de espiritualidade” e o declínio histórico do catolicismo no Brasil. São questões que não podem ser descartadas nas discussões que cercam as indicações para o novo pontificado. O distanciamento de uma parcela significativa da juventude das instituições tradicionais produtoras de sentido guarda um preciso significado e um alerta para a igreja, com sua tradicional dificuldade de acompanhar os desafios do tempo.

CM – Quais as perspectivas para a eleição de um novo papa?

FT – As perspectivas não são muito alvissareiras... O quadro geral do episcopado mundial foi quase em sua totalidade formado no contexto de uma dinâmica institucional restauradora e centralizadora. O risco de continuidade na política eclesiocentrada é grande. Mas há que acreditar em possibilidades alternativas. A igreja católico-romana não pode manter-se distanciada dos grandes desafios da história. Daí a importância de manter aceso o espírito do Vaticano II, que abriu frestas de liberdade no campo eclesial. O descompasso com o tempo aumentará ainda mais o fosso que separa a juventude da igreja.

CM – As avaliações em torno da escolha do novo pontífice centram-se em questões de natureza política no sentido mais estrito: será ele do terceiro mundo, será conservador, será progressista, será moderado, etc. Mas recentemente estiveste cobrindo o eixo das espiritualidades no V Fórum Social Mundial em Porto Alegre. Qual a situação da Igreja e dos estudiosos dos temas de religião quanto a este tema no mundo de hoje?

FT – O nosso tempo está desgastado com a presença invasiva de novos e problemáticos “valores”, associados ao mundo do trabalho capitalista; valores que abafaram ou relegaram a um segundo plano valores sociais milenares relacionados às tradições religiosas. O que hoje predomina são os “valores” da racionalidade do mercado, como a competição, a produtividade, o sucesso, o individualismo e o consumismo. A sede de espiritualidades que se verificou em vários espaços temáticos do Fórum Social Mundial, e em particular no espaço K, traduz uma nova busca, uma revolta contra um mundo desencantado, carente de valores e utopias. A retomada das espiritualidades expressa o protesto contra um mundo carente de sentido e de referenciais de navegação. As cruciais questões relacionadas ao cuidado, à cortesia e hospitalidade acompanham esta nova sensibilidade. Em certo sentido, a figura carismática do Papa recolocou esta questão para o nosso tempo.

[\(Voltar ao índice\)](#)

O RETROVISOR POLONÊS

Por Antonio Flávio Pierucci

Antônio Flávio Pierucci é sociólogo e professor da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP. O artigo a seguir foi veiculado pelo jornal **Folha de S Paulo**, em 10 de abril de 2005. Antônio Flávio de Oliveira Pierucci foi um dos entrevistados da 101ª edição do **IHU On-Line**, de 17 de maio de 2004, que celebrou os 100 anos de "A ética protestante e o espírito do capitalismo" de Max Weber. Graduado em Filosofia pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUCSP), é mestre em Ciências Sociais pela PUCSP, doutor em Sociologia pela USP e livre docente pela USP, com a tese **Desencantamento do mundo: os passos do conceito em Max Weber**. Esse trabalho transformou-se no livro **O desencantamento do mundo: todos os passos do conceito em Max Weber**. São Paulo: Editora 34, 2003. O professor também é autor de, entre outros, **Igreja: contradições e acomodação**. São Paulo: Brasiliense / Cebrap, 1978; e **Ciladas da diferença**. São Paulo: Editora 34, 1999. Ele participará do 1º Ciclo de Estudos Repensando os Clássicos da Economia, promovido pelo IHU, nos dias 9 e 10 de novembro de 2005, na Livraria Cultura, em Porto Alegre, e na Unisinos, respectivamente, com a conferência de encerramento intitulada "Relações e implicações da ética protestante para o capitalismo", falando sobre Max Weber.

Nos 500 anos da descoberta da América (1992), João Paulo 2º veio a Santo Domingo, na República Dominicana, para fazer o discurso de abertura da Quarta Conferência do Episcopado Latino-Americano (CELAM). Natural que nesse ambiente e com essas pessoas a comemoração daquela data virasse celebração do "quinto centenário da evangelização da América". Evangelização católica, "por supuesto". Não perdeu a ocasião, propícia como poucas, para mais uma vez pensar no passado.

Tratava-se de reavivar a memória mítica das origens modernas do nosso continente, aquela que pretende nos dar a certeza de que seu momento fundador foi o "dom da fé católica". Posto em chave mítica, o evento da conquista colonial se transmutava nisso, em "dom da fé católica". E, assim, os destinatários do discurso eram levados a crer que, se o destino da América Latina estava umbilicalmente ligado ao catolicismo, era por uma razão histórica fundamental e fundadora.

Disse então o Papa: "Damos graças a Deus porque na América Latina o dom da fé católica penetrou no âmago de seus povos, conformando nesses 500 anos a alma cristã do continente" ("Discurso inaugural do Santo Padre", 09/10/ 1992).

Algumas religiões são diretamente étnicas no sentido de que seu deus é o deus de um povo em particular, de uma etnia. O judaísmo é um bom exemplo. O candomblé, no Brasil, também, até os anos 60.

Em contraste, as principais religiões mundiais concebem-se como abertas em missão universal a toda a humanidade. Se aquelas podem ser classificadas como religiões etnoculturais, de preservação do patrimônio cultural de um povo, essas são ditas universais.

Mas não basta abrir-se a outras etnias ou povos para uma religião ser conseqüentemente universal: é universal a religião que interpela as pessoas como indivíduos, não como membros de uma coletividade, seja ela o clã, a tribo, a etnia, a nação, a cultura.

Universal e particular

A palavra "católico" em grego quer dizer universal. Em sua acepção teológica, ela remete à noção de "catolicidade", usada tradicionalmente por todas as confissões cristãs para dizer que a igreja de Cristo é universal, tanto na dimensão planetária, quanto na vocação, que é a sua, de acolher todo o mundo, todos os seres humanos e todos os povos. Assim, catolicidade e universalidade podem dizer a mesma coisa.

Já a palavra "catolicismo" tem uma acepção mais circunscrita, eu diria sociologicamente circunscrita, e designa os fiéis e as instituições ligadas ao cristianismo latino, à igreja católica romana, cujo centro de poder é o Vaticano. Concretamente, portanto, o catolicismo é o conjunto daqueles cristãos e comunidades cristãs que reconhecem a jurisdição do bispo de Roma, também chamado sumo pontífice da Igreja Universal, jurisdição, na verdade, particular a uma forma determinada de cristianismo.

Historicamente, as religiões tenderam a se propagar ou juntas de um grupo étnico ou lingüístico que era seu portador privilegiado ou juntas das fronteiras de uma unidade política particular (que por sua vez podia se definir por uma identidade étnica compartilhada). Muitas vezes, a conversão inicial de uma grande população não era mais que a conversão da elite política ou intelectual que a dominava.

É por isso que a propagação da nova religião avançava, não gradual e molecularmente como hoje, mas a passos largos ou mesmo de chofre, à medida que territórios inteiros eram nominalmente convertidos. "Coge intrare", dizia a consigna celebrizada por Agostinho: "Força a entrar!". O impulso missionário aliado à conquista colonial anexava povos, antes que indivíduos. Foi assim com o catolicismo ibérico quando aqui chegou. Batizava a todos que encontrava independentemente de escolha ou preferência pessoal, que sequer entrava em linha de consideração.

Foi assim que todo brasileiro era católico junto com o Brasil: por colonização política e econômica mas também por colonização cultural, e isso não exigia mais que a submissão a uma ritualidade sacramental puramente exterior. Bastava a fachada.

Não é impossível que religiões de missão universal se tornem guardiãs de uma particularidade nacional. Se a etnicidade pode moldar a religião, a religião compartilhada pode também ser vital na manutenção ou desenvolvimento de uma identidade étnica comum.

Por séculos a fio, os poloneses estiveram sob dominação estrangeira, de uma forma ou de outra. No final do século 18, o reino da Polônia acabou repartido entre seus poderosos vizinhos. Os alemães prussianos eram luteranos; e os russos, ortodoxos. Por efeito de contraste, o catolicismo romano passou a garantir aos poloneses sua especificidade cultural, a lealdade à igreja fundindo-se com a lealdade à nação. Vem de lá o dito popular "Polak-katolik": ser um polonês é ser um católico.

Desde então, à exceção dos judeus, nascer na Polônia é ser católico por destino. E é verdadeiro patriota, como o foi Karol Wojtyła, quem zela pela identidade cultural da nação, católica romana desde o berço.

Meu ponto neste artigo é indicar que a Igreja Católica, não obstante sua reivindicação de universalidade, no decorrer da modernidade acabou montando para si uma verdadeira armadilha, uma espécie de quadratura do círculo, ao conferir à identidade "católica" dos católicos um caráter adscrito de herança cultural coletiva, e esta não pode ser senão particular a certo(s) povo(s) em particular: os povos "católicos por natureza", "católicos desde a origem", "católicos nas raízes".

Inculturação

Nisso, desindividualiza-se o alcance de sua universalidade, pensada agora como estando referida antes de mais nada a povos com suas culturas do que a seres humanos com sua humanidade. E isso vem junto com todo um cortejo de efeitos práticos que repercutem, não por último, na armação de sua principal estratégia para assegurar sua presença na modernidade tardia: a chamada "inculturação".

Ora bem. O universalismo em que se representam os diversos "povos de alma católica" é o oposto do que tem sido cultivado (de resto, com resultados demográficos muito melhores) pelo

protestantismo, especialmente em suas formas mais dinâmicas, pentecostais e neopentecostais, ao visar, com sua evangelização, indivíduos estruturalmente disponíveis e subjetivamente dispostos a romper com seus antigos laços de adesão religiosa por nascimento e cultura, herdada não por opção pessoal. Hoje parece provado com fatos e cifras que é somente na medida em que visa indivíduos, e não grupos ou nações, com suas culturas identitárias (ainda que imaginárias), que uma religião dita universal consegue ser, plenamente e com sucesso, religião de conversão.

Saia justa católica

Isso significa que o potencial de difusão das religiões se ressentiria seriamente do modo como suas estratégias de evangelização favorecem mais ou menos o estreitamento teórico de sua visada universalista. A meu ver, na catolicidade do catolicismo romano há fortes componentes de holismo culturalista que favorecem tal estreitamento.

Uma das saias justas do catolicismo atual é essa sua renovada insistência em querer "evangelizar as culturas", pretensão que hoje se resume na seguinte palavra de ordem teológica, mas de inspiração etnológica - "inculturação". Disse o Papa: "Nos nossos dias, torna-se necessário um esforço e um tato especial para inculturar a mensagem de Jesus (...), possibilitando a consolidação de uma cultura cristã, que unifique os valores históricos, passados e presentes, para assim responder de modo adequado aos desafios do nosso tempo" (encíclica "Redemptoris Missio", 1991: 52).

Pergunte se qualquer uma das igrejas de conversão puramente individual, como as evangélicas, no intuito de responder aos desafios do nosso tempo, vai lá perder tempo com a reevangelização da cultura! E, no entanto, são elas as que mais crescem nessas "nações católicas" que se estendem de norte a sul da "América católica", não sem desde logo alcançar em plena "América protestante" os novos imigrantes de origem hispânica ou brasileira, culturalmente católicos, mas já agora postos em franca disponibilidade para uma conversão provavelmente evangélica -apostasia que não cessa de multiplicar-se, minando por baixo e por dentro os "povos culturalmente católicos" que o discurso pastoral de João Paulo 2º não se cansava de contemplar, envaidecido, em seu embaçado retrovisor polonês.

[\(Voltar ao índice\)](#)

NOTAS

A síntese abaixo foi traduzida e publicada no sítio www.ihu.unisinos.br que é atualizado diariamente

Os cinco grandes desafios para a Igreja

Que estilo o novo papa deverá dar ao governo da Igreja? Ele encorajará o retorno a um exercício mais modesto do pontificado? Ou ele confirmará o élan, saudado pelo planeta inteiro na figura de João Paulo II, na direção de um papado universal, ou seja, apostando na extensão sempre maior do poder pontifício, uma autoridade e uma visibilidade sempre mais marcadas da Igreja católica? Procurando responder estas perguntas, Henri Tincq, vaticanista francês, em artigo publicado no jornal *Le Monde*, 4-4-05, enumera cinco grandes desafios a serem enfrentados pelo novo papa.

Descentralizar o poder romano

No pontificado de João Paulo II, a hipertrofia do poder romano não permitiu que os contrapoderes instituídos pelo Concílio Vaticano II (1962-1965), que queria dar mais peso e

autonomia às Igrejas locais, se fortalecessem. Enfrentar este desafio significa limitar o poder da Cúria. Não que a Cúria continua sendo uma burocracia cega a toda evolução, formada por pessoas unicamente preocupadas com as suas carreiras. As reformas de Paulo VI e João Paulo II a tornaram mais adaptada a prestar um serviço melhor à Igreja nas condições do mundo moderno. Mas a prioridade dada por João Paulo II a suas longas viagens pastorais, a freqüência dos acidentes de saúde, sua concepção da autoridade fizeram com que a Cúria ampliasse o seu raio de ação e intervenção, bloqueando e aumentando poderes contra o espírito de colegialidade desejado pelo Concílio Vaticano II. Assim, por exemplo, as nomeações de bispos têm sido utilizadas para pressionar as Igrejas locais. O sínodo dos bispos não é mais que uma caricatura do que fora desejado pelo Vaticano II.

Resolver o divórcio com a sociedade moderna

As posições da Igreja, do Papa e do Vaticano contra a pílula, o preservativo, relações pré-matrimoniais ou a procriação assistida afastaram da Igreja gerações inteiras de casais, jovens e deixaram meios médicos e científicos estupefatos. Sobre questões como a contracepção, o divórcio e, mesmo o aborto, as posições dos fiéis vão da desobediência à insubmissão. Mas o primeiro desafio para o sucessor de João Paulo II é a secularização massiva, esta mudança do universo religioso que se exprime no aumento do individualismo, da indiferença e do relativismo que foram, muitas vezes, denunciadas pelo cardeal Ratzinger. Qual é a alternativa? A Igreja pode usar uma linguagem diferente, mudar de posição, por exemplo, sobre alguns princípios fundamentais de sua moral familiar e sexual? Poderá ela responder à demanda de sentido e de valores? Esta será a tarefa do próximo papa: responder a esta interrogação. Apelos contínuos são lançados para 'adaptar' o cristianismo à modernidade. Velha tentação, o risco é o de transformar a religião em ética, o cristianismo em humanismo. Para Henri Tincq, a fé cristã não pode mais ser pensada como um sistema rígido, fechado, oposto a outras verdades concorrentes, Ela deve ter em conta que o fato católico é minoritário no mundo. A Igreja deve cada vez mais ser considerada como um lugar da fé acolhida, praticada, proposta ao conjunto da sociedade, sem que esta proposição apareça como a expressão de uma vontade hegemônica.

Destrançar o acesso aos ministérios ordenados

Ninguém pode prever, num futuro próximo, uma mudança da regra, mas a questão do acesso de leigos, mesmo casados, ao ministério ordenado não é uma querela bizantina. O fim da regra do celibato não seria uma panacéia. Mas esta lei afasta do ministério um número grande de jovens católicos que não a podem aceitar e desejariam que pelo menos pudessem escolher, antes da ordenação sacerdotal, entre o celibato e o casamento. Compreende-se que o celibato torna o ordenado totalmente disponível a Deus e a seu ministério. Mas que a Igreja faça disso um artigo de fé, quando não é mais que uma norma disciplinar, que pode mudar, não é compreensível para o homem de hoje. No que se refere à ordenação sacerdotal de mulheres, esta discussão está fora de todo debate na cúpula da Igreja católica.

Relançar o diálogo com as igrejas separadas

João Paulo II pregou, incansavelmente, a unidade dos católicos com os ortodoxos, os anglicanos e os saídos da Reforma protestante. Ele o fez de Constantinopla (1979) a Canterbury (1982), de Genebra (1984) a Uppsala (1989). Ele se dizia convencido de que, se o segundo milênio fora o da divisão, o terceiro deveria ser o do 'exame de consciência' e do 'perdão'. Mas a tarefa está amplamente inacabada. O longo pontificado de João Paulo II despertou novos conflitos históricos e doutrinários, que não provocaram um retorno às polêmicas

de ontem, mas bloquearam novos avanços. Assim, por exemplo, as Igrejas protestantes têm o sentimento de que, sob o pontificado de João Paulo II, ele reforçou a centralização do poder e a pretensão da Igreja católica de ser uma autoridade universal. A Igreja se afastou do Vaticano II que, pelo contrário, acentuava atitudes mais próximas do protestantismo: autoridade das Igrejas locais, governo mais colegial, acolhida da autonomia da consciência. Como o próximo papa relançará o diálogo ecumênico? Em que condições será possível restaurar o clima de confiança dos anos 1960? João Paulo II indicou um caminho a seguir, que ele mesmo não explorou, mas que teve o mérito de aplainar o terreno. Ele nasce da consciência do 'obstáculo' que representa, no caminho da unidade, a questão da primazia universal do bispo de Roma, isto é, o Papa. Ele propôs uma reflexão comum com as outras igrejas sobre o exercício ecumênico desta primazia universal.

Aprofundar o encontro com o judaísmo e como o islamismo

Se o horizonte da reunificação das confissões cristãs será para o novo papa uma urgência absoluta, ele não poderá deixar de continuar a alargar o espaço do diálogo com as religiões monoteístas. João Paulo II foi o iniciador dos grandes encontros, sem precedentes, de todos os grandes chefes religiosos em Assis, abriu caminhos de reencontro com o judaísmo, o islamismo, como também com o budismo. Ele acelerou decisivamente este ecumenismo inter-religioso que seu sucessor, apesar do mau humor dos meios tradicionalistas, ele terá que prolongar e até amplificar.

[\(Voltar ao índice\)](#)

Deu nos jornais

Lula quer enquadrar PT em 2006

Para reeleger Lula no primeiro turno em 2006, o Planalto e a cúpula do PT estabeleceram prioridade para a reedição da aliança federal nos Estados, nem que para isso seja preciso subjugar interesses regionais do partido. Por mais que o presidente da sigla, José Genoino (SP), insista em afirmar que não poderá "atropelar o PT nem deixar de dialogar com os aliados", o certo é que o governo e a sigla planejam ser muito menos complacentes com dissidências que comprometam o projeto nacional do que foram nas eleições municipais. O comentário é do jornalista Raymundo Costa no jornal **Valor** de 5-4-05. O Planalto e o PT ligaram as engrenagens do projeto de reeleição de Lula, que está a todo o vapor. Além de enquadrar o PT, prevê também o mínimo de candidaturas avulsas dos partidos aliados. O objetivo é isolar PSDB e PFL, até dividi-los, em alguns casos, dando ou recebendo apoio de tucanos e pefelistas. E um "saco de maldades" a ser aberto sempre que for necessário fustigar potenciais adversários como o governador Geraldo Alckmin e o prefeito Cesar Maia. Segundo o comentarista, "ao começar desde já as conversas com seus potenciais aliados em 2006, Lula também tenta preparar o espírito do PT para a necessidade de entrar no jogo com uma aliança bem mais ampla que a de 2002. Até lá, espera diminuir resistências, sob o argumento de que o projeto nacional deve prevalecer sobre interesses regionais ou meramente pessoais".

Lula recebe Quércia. A possível aliança PT-PMDB

O presidente Luiz Inácio Lula da Silva recebeu dia 4 de abril o ex-governador paulista Orestes Quércia (1987-1991). Foi mais uma investida do petista para ampliar sua interlocução com os peemedebistas para ter mais apoio no Congresso e sinalizar para uma possível aliança em

2006, quando Lula deve disputar a reeleição. Quércia comanda o PMDB de São Paulo e prometeu apoio de seu partido no Congresso. Há menos de quatro meses, esteve engajado em movimento para obrigar os ministros do PMDB a deixar o governo, sob pena de expulsão. O partido fez convenção nacional em 12 de dezembro. Na ocasião, aprovou a entrega de todos os cargos no governo. "Agora, o cenário mudou", diz, sem especificar o quê. O PMDB continua com os ministérios das Comunicações (com o deputado cearense Eunício Oliveira) e o da Previdência (com o senador de Roraima Romero Jucá). "Não temos condições de exigir que os ministros saiam do governo sem rachar o partido", disse Quércia depois de conversa de cerca de 1 hora e 40 minutos com Lula, no Planalto. A Folha lhe perguntou se o presidente fez algum convite a ele, Quércia, para entrar no governo. "Não", disse. Há pelo menos uma semana circula em Brasília a versão de que Lula gostaria de oferecer a Quércia o cargo de embaixador do Brasil na Itália, em Roma. O cargo é hoje ocupado pelo ex-presidente Itamar Franco, que já anunciou seu retorno ao Brasil. A notícia está publicada nos principais jornais do País. Aqui nos baseamos na **Folha de S. Paulo**, 5-4-05.

Desemprego se resolve em até dez anos, diz Palocci

O ministro Antonio Palocci Filho (Fazenda) disse, dia 4 de abril, que o Brasil conseguirá resolver o problema do desemprego caso cresça de forma sustentada por seis a dez anos. Para o ministro, "resolver o problema" significa trazer a taxa, hoje em 10,6% (IBGE), para algo próximo a 6%. Palocci falou sobre economia ao *Programa do Jô*, da TV Globo, gravado na segunda-feira passada. A notícia é do jornal **Folha de S. Paulo**, 5-4-05.

Delfim Netto: "Lula é um produto autóctone de São Bernardo"

O ex-ministro Delfim Netto, deputado pelo PP (SP), diz que os intelectuais do PT estão frustrados porque Lula não faz nada do que eles desejam. Em uma longa entrevista ao jornal **O Globo** de 3-4-05, Delfim diz que "uma das grandes vantagens do presidente Lula é que durante a sua liderança operária ele nunca conheceu um tal de Karl. E mais uma vantagem: eu tenho a impressão de que ele nunca subiu aquelas escadas escuras que levavam sempre a um pequeno quartinho onde se reuniam os comunistas. O socialismo do Lula é um socialismo cristão, nascido em São Bernardo, por indicação do cardeal Hummes. São origens tão diversas desses pretensos socialistas, principalmente os intelectuais socialistas, que hoje estão um pouco frustrados porque acham que o Lula não faz o que eles desejam, não tem nada a ver com eles. O Lula é um produto autóctone de São Bernardo, levou pra São Bernardo e tem aquela cultura de São Bernardo. Trouxe para Brasília a cultura de São Bernardo".

O próximo papa será um italiano, acredita D. Aloísio Lorscheider

O cardeal Aloísio Lorscheider acredita que o próximo papa será italiano. Recluso no retiro dos franciscanos de Porto Alegre, onde foi morar depois da aposentadoria, ele não justifica seu palpite. Diz apenas que "é uma opinião olhando a história do passado". As declarações foram publicadas no jornal **O Estado de S. Paulo** de 6-4-05. D. Aloísio figurou nas listas dos papáveis nos conclaves que elegeram João Paulo I e João Paulo II, em 1978. Na primeira eleição teria sido o terceiro mais votado. Ele não confirma a informação e diz que nem se lembra em qual nome pode ter votado. Com 81 anos, o cardeal não tem mais direito a voto no conclave que elegerá o sucessor de João Paulo II. Não mostra preferência por nenhum dos nomes citados pela mídia. 'Torço para que encontrem o homem certo no lugar certo.' Para ele, as listas de favoritos são desperdício de tempo. 'Em vez de concretizar nomes, valeria mais a pena buscar o possível futuro perfil do papa', afirma. Na opinião do cardeal, que já dirigiu as arquidioceses de Aparecida e Fortaleza e presidiu a Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB), o

próximo papa deveria descentralizar o poder na Igreja. 'Creio que João Paulo II centralizou demais', diz. 'Impõe-se a vivência concreta da colegialidade episcopal.

O poder da Opus Dei e os jesuítas

“O expurgo da Companhia de Jesus parece ter um vínculo direto ou indireto com a irresistível ascensão da Opus Dei no Vaticano”, escreve Juan José Tamayo-Acosta, teólogo espanhol, no artigo “O poder da Opus Dei”, publicado no jornal *El País* e reproduzido, dia 6-4-05, pelo jornal *Folha de S. Paulo*. Segundo Tamayo-Acosta, “quanto mais degraus este subia na cúpula romana, mas se estreitava o cerco em torno dos jesuítas, que, a partir de sua Congregação Geral 32, deu uma reviravolta copernicana em suas prioridades evangelizadoras: compromisso com a justiça, diálogo com a secularização, evangelização libertadora e aculturação da fé”. “O Papa proibiu o padre Arrupe, superior geral da Companhia de Jesus, de convocar a Congregação Geral de 1981, onde ele pensava em apresentar sua renúncia: “Não quero que convoque esta Congregação e renuncie, pelo bem da Igreja e o bem de sua própria ordem”, lhe disse de maneira taxativa. Em agosto de 1981, Arrupe sofreu um grave ataque, que João Paulo II aproveitou para dar um golpe na direção da Companhia de Jesus. Encarregou a direção desta ao padre Paolo Dezza, jesuíta italiano octogenário, com a ajuda do padre Pittau, provincial da Companhia no Japão, ambos descontentes com a política de abertura de Arrupe”. “As razões da “intervenção”? A confusão que os jesuítas estavam criando no povo de Deus; seu envolvimento desmedido na atividade sociopolítica, com a conseguinte perda da dimensão religiosa; sua vinculação com a teologia da libertação, sobretudo na América Central; tendências secularizantes no seio da Companhia, e formação excessivamente liberal dos jesuítas”. E Tamayo-Acosta conclui: “Concordo com Juan Arias, um dos maiores conhecedores do último pontificado, para quem a história dirá se Wojtyla foi o Papa da Opus Dei ou se a Opus Dei foi quem preparou os caminhos do arcebispo de Cracóvia. O que acredito é que ambos contribuíram para esvaziar as esperanças de reforma da Igreja depositadas no Concílio Vaticano II por cristãos e não-cristãos. Com o concílio, a Igreja católica iniciava um novo caminho na história e em tom de libertação. A Opus Dei e João Paulo II, entretanto, mudaram o sentido dessa marcha”.

Henrique Meirelles sob suspeita. Ministério Público pede abertura de inquérito

“Henrique Meirelles sob suspeita. Ministério Público propõe a “imediata abertura de investigação criminal para apurar crimes contra o sistema financeiro e lavagem de dinheiro”, é a notícia de capa, da semana passada, da revista *Carta Capital*, 6-4-05. No dia 6 de abril, o jornal *Estado de S. Paulo* noticiou que “o procurador-geral da República, Claudio Fonteles, pediu ontem ao Supremo Tribunal Federal (STF) que abra um inquérito contra o presidente do Banco Central (BC), Henrique Meirelles”. A principal autoridade monetária do País deverá ser investigada por suposto envolvimento com remessa ilegal de recursos ao exterior, lavagem de dinheiro (crime contra o sistema financeiro) e crime eleitoral. Caberá ao relator do processo, Marco Aurélio Mello, decidir se abre ou não inquérito para apurar as irregularidades. O mais provável é que ele concorde com o pedido de Fonteles. Esse tipo de pedido da Procuradoria só é recusado quando há algum erro muito flagrante na formulação do pedido ou sinal de abuso de poder. Ao final da investigação, o procurador-geral da República decidirá se vai arquivar o caso ou oferecer denúncia ao STF. Se optar pela denúncia, Meirelles passará de suspeito a réu, sendo formalmente acusado dos crimes. Nesse caso, o STF fará o papel de juiz. Há, porém, um detalhe. Fonteles não deverá comandar a investigação até o fim, porque deixará o cargo em junho. Seu sucessor será escolhido pelo presidente Luiz Inácio Lula da Silva. As denúncias que

motivaram o pedido de Fonteles foram divulgadas em julho de 2004. O presidente do BC já deu explicações diante da Comissão de Ética do governo, onde foi inocentado por unanimidade.

Autonomia do BC: a estratégia de Palocci

O ministro da Fazenda, Antonio Palocci, já tem uma estratégia para aprovar, no Congresso, a autonomia do Banco Central (BC). Autorizado pelo presidente Luiz Inácio Lula da Silva, Palocci corre contra o tempo. Quer que pelo menos a fixação de mandatos para o presidente e os diretores do BC seja instituída neste ou no próximo ano, antes do fim do mandato deste governo. O restante seria debatido depois. O comentário é do jornalista Cristiano Romero no jornal *Valor*, 6-4-05. A formalização da autonomia operacional existente hoje eliminaria, na opinião do ministro, o custo da transição política em 2006. Mesmo o governo Lula tendo rezado, até agora, pela cartilha da responsabilidade fiscal e da austeridade monetária, há incertezas quanto ao seu comportamento num possível segundo mandato. Segundo o jornalista, José Dirceu reafirmou que concorda com a autonomia do BC, que a sua formalização seria um avanço em relação à situação atual, mas que o momento político não lhe é propício.

Cena brasileira. Chico o quê?

Da coluna de Ancelmo Gois, *O Globo*, 6-4-05: Ao levar a letra de “Construção”, clássico da MPB, para discussão numa turma de 30 alunos de 15, 16 anos do Colégio Pedro II, na Tijuca, no Rio, a professora quase caiu para trás. Acredite. A imensa maioria dos jovens nunca tinha ouvido a música e, pior ainda, não sabia quem era Chico Buarque.

O dilúvio das imagens sobre a morte do Papa. “Idolatria kitsch”

“O ‘dolorismo’ colocado em cena é chocante: a dor física do Papa, sua agonia se tornaram um espetáculo que faz desaparecer tudo o que o sofrimento tem de simbólico para os católicos”, afirma Michel Guérin, filósofo francês em entrevista publicada no jornal *Libération*, 5-4-05. Segundo ele, não há alguém que programou esta cena e a colocou no ar. “Todo mundo dá a sua mão: os fiéis, os responsáveis eclesiais que esperam poder recrutar mais pessoas, a mídia que encontra uma situação de colocar em relação o mundo inteiro, via reportagens que religam Roma à Manila”, afirma o filósofo. Para ele, “a razão profunda é que nossa sociedade é pervadida por ansiedades múltiplas que não chegam a constituir, no sentido químico, uma forma de uma ‘boa angústia’ existencial. É uma sociedade sem rumo como explica Ulrich Beck no seu livro *La société du risque*, que ‘sabe’ que a catástrofe vai vir, mas não sabe onde. Ela se refugia nas figuras paternas que ela passa a idolatrar. O Papa é, por excelência, esta figura paternal e mesma grandiosamente paternal”.

O funeral de João Paulo II. “Pós-modernidade da Igreja”

Para ele, estamos “navegando no kitsch, no ‘people’”. Ansiedade e idolatria kitsch são o verso e o reverso da mesma coisa. Trata-se do mesmo fenômeno da ressaca de imagens quando da morte de Lady Di. Nós temos a mídia que nossas Igrejas merecem, uma e outra muito críticas sobre a qualidade das mensagens. É o sinal da pós-cristandade, ou da pós-modernidade da Igreja. Com João Paulo II, ele se mundializou e assumiu o risco, para sobreviver, de entrar no jogo da velocidade, da comunicação, da transparência e do ‘people’”. “Ao mesmo tempo, continua Michel Guérin, se ela renuncia à lentidão, que é a sua essência, e ao mistério, à sua parte obscura e escondida, ela não mais poderá impor a sua autoridade, em grande parte ligada à sua antiguidade. Ela perderá seu poder para a imaginação. Como qualquer outra instituição, outra empresa, ela é obrigada a passar por isso, mas se ela não fizer mais que isso, ela está perdida. Pois a imagem para ela não é mais do que um meio para chegar à doutrina. E

aqui a comparação com Lady Di e o Papa perde o sentido. A Igreja é feita para permanecer. Mas isso ela deve jogar a cada momento, a cada tempo. Ela tem o tempo para ela, e no entanto, cada época é uma ameaça, um obstáculo a vencer. Ela deve administrar um sutil equilíbrio entre o ser popular e o ser solene, entre a lentidão e a velocidade”.

A “vila planetária” perdeu o seu pároco

As coisas voltam ao seu lugar. João Paulo II visitou todos os chefes de Estado, os soberanos, os responsáveis de todas as confissões, os embaixadores e os sábios, os ricos e os pobres. No dia das suas exéquias, todos estarão lá, em procissão, para dizer adeus. A imagem de um planeta enlutado, reunido ao redor do seu corpo os grandes do mundo e os mais pequenos da terra, os crentes e os não-crentes na solenidade dos ritos fúnebres romanos, é a primeira vitória póstuma deste Papa. Jamais um homem falara para tantos outros homens. Ele os reúne hoje ao redor do seu corpo morto”. Assim inicia o artigo de Henri Tincq, vaticanista francês, publicado no **Le Monde**, 7-4-05. “A vila ‘planetária’ perdeu o seu pároco. É a imagem vem à mente quando vemos a comoção universal que a morte do Papa suscitou. Por suas viagens, João Paulo II fez do mundo a sua paróquia. E quando um pároco morre, a vila se desloca. Quando o ‘pároco do mundo’ – o Papa – morre, o mundo se faz presente no seu enterro.

A participação brasileira nas exportações mundiais oscila entre 0,8 a 1%

“Há poucos dias, uma revista norte-americana publicou sua lista anual das 2 mil maiores empresas do mundo. Talvez listas como essa não sirvam para muito mais do que proporcionar às empresas contempladas um ponto para alimentar seus esforços de fixação de imagem junto ao público. Mas, em alguma medida, podem servir para montar mapas simples, e algumas vezes, bastantes reveladores, de características estruturais das diversas economias planetárias”, escreve David Kupfer é professor do Instituto de Economia da UFRJ e coordenador do Grupo de Indústria e Competitividade (GIC-IE/UFRJ, em artigo publicado no jornal **Valor**, 6-4-05. Por intermédio de um indicador composto por vendas, lucros, ativos e valor de mercado, foram selecionadas empresas de 52 países em 28 setores de atividade que, em conjunto, alcançam US\$ 21,9 trilhões em vendas e US\$ 80 trilhões em ativos. Das 2 mil maiores empresas da economia mundial, 711 empresas são norte-americanas, 505 pertencem a países da União Européia e 326 são japonesas - isto é, mais de 75% das empresas são sediadas nas nações centrais do capitalismo contemporâneo. No plano setorial, observa-se o predomínio de empresas industriais: 661 representantes, responsáveis por 35% das vendas ou do valor de mercado totais. Integram ainda a lista 567 empresas financeiras, perfazendo algo como 20% em valor das vendas ou 25% em valor de mercado do conjunto de empresas, 266 empresas de infra-estrutura, 264 empresas de serviços, 143 empresas comerciais e 99 empresas de petróleo. O Brasil comparece com 19 empresas, sendo apenas uma entre as cem maiores. São sete empresas industriais produtoras de insumos básicos, cinco empresas de infra-estrutura (eletricidade, telecomunicações, transporte, etc), quatro bancos, duas petrolíferas e uma empresa do setor aeroespacial. Somadas, as empresas brasileiras da lista representam 0,6% das vendas, 1,1% dos lucros, 0,5% dos ativos e 0,7% do valor de mercado do conjunto das 2 mil maiores empresas globais. A semelhança entre esses números e a participação brasileira nas exportações mundiais, que há anos oscila entre 0,8 e 1% do comércio internacional, levanta uma questão que merece ser explorada: o tamanho das empresas importa para o desempenho das exportações de um país?

[\(Voltar ao índice\)](#)

Frases da semana

O funeral de João Paulo II

*“O funeral de João Paulo II nos deu um espetáculo litúrgico irrepetível, uma demonstração de força espiritual e temporal sem igual, o sentido plástico de uma autoridade com dois mil anos de história nas costas e que agora chega ao encontro-desencontro com a modernidade”- Eugenio Scalfari, jornalista – **La Repubblica**, 10-4-05.*

O pontificado de João Paulo II

*“Para a Igreja Católica, este pontificado, apesar de seus aspectos positivos, foi uma grande desilusão e, no final das contas, um desastre”. – Hans Küng, teólogo católico - **El País**, 5-4-05.*

*“Se o próximo Papa continua a política deste pontificado, não fará mais que reforçar uma enorme acumulação de problemas e converter a crise estrutural da Igreja Católica numa situação sem saída. O novo Papa deverá optar por uma mudança de rumo”.- Hans Küng, teólogo católico - **El País**, 5-4-05.*

*“Vou ser bem sincero. Eu não tenho esperança de uma mudança significativa. Minha impressão é que a imensa maioria dos cardeais é de uma linha mais ou menos conservadora, de continuidade, sobretudo no [aspecto] teológico, no canônico, dentro da Igreja. Mas cada papa tem um estilo. De vez em quando, acontecem surpresas...” - D. Pedro Casaldáliga, bispo de São Félix do Araguaia (MT) – **Folha de S. Paulo**, 4-4-05.*

*“Neste momento, se calcula que, diariamente, 10 mil pessoas deixam as fileiras do catolicismo para outras religiões ou seitas”.- Bernardo Barranco, vice-presidente do Centro de Estudos das Religiões no México - **El País**, 7-4-05.*

*“O que se diz é que o próximo Papa será "pastoral". Talvez seja, num modo codificado, uma referência ao cardeal Dionigi Tettamanzi, de Milão. É um pastor da Igreja, com forte preocupação social. Uma segunda interpretação seria a de um Papa que volte o olhar para dentro da Igreja, que pense nas crises internas, nos seminários desertos, sem novos padres”. – Rubens Ricupero, ex-secretário-geral da Unctad - **Folha de S. Paulo**, 8-4-05.*

*“Pessoalmente, não quero um papa brasileiro. Quero um papa romano, italiano, mas que respeite as igrejas locais. Que não seja um superbispo, o chefe de uma igreja multinacional. A igreja não é uma Volkswagen” - Marcelo Barros, monge beneditino - **Folha de S. Paulo**, 10-4-05.*

O medo

*“O que se opõe à fé não é a negação de Deus ou o ateísmo. Biblicamente, o que se opõe à fé é o medo” – Leonardo Boff, teólogo - **El País**, 11-4-05.*

*“Em Roma, sobretudo na cúria, se tem medo. Medo dos leigos, muito medo das mulheres, medo dos pobres, medo do pensamento crítico e livre, medo das outras religiões” – Leonardo Boff, teólogo - **El País**, 11-4-05.*

Quem comanda o atraso?

"Nós não discutimos nem disputamos ideologia, é poder, é quem comanda (...) No fundo, nós disputamos quem é que comanda o atraso" - **Fernando Henrique Cardoso**, em entrevista ao petista Cristovam Buarque, sobre a polarização PT-PSDB - **Folha de S. Paulo**, 10-4-05.

A direita é o PSDB. O PP é centro.

"A direita é o PSDB. Em muitos Estados, o PP é centro" – **José Genoíno**, presidente nacional do PT - **Folha de S. Paulo**, 10-4-05.

Guerra Civil

"É uma guerra civil no contexto da violência crônica contra as massas segregadas e marginalizadas. O Estado brasileiro, desde a época da colônia, nunca foi um agente pacificador. Sempre agiu com violência e repressão. Hoje o conflito econômico se agravou a tal ponto que os grupos segregados, sempre vistos como inimigos do Estado, estão questionando a distribuição de renda com as armas que eles têm". – **Luiz Mir**, historiador, comentando a chacina de 30 pessoas na Baixada Fluminense - **Folha de S. Paulo**, 3-4-05.

[\(Voltar ao índice\)](#)

EVENTOS IHU

Atividades do Terra Habitável valem como complementares para estudantes da Unisinos

Além da chance de ouvir importantes especialistas nacionais e internacionais debatendo ciência, filosofia e teologia de maneira transdisciplinar, os alunos das graduações da Unisinos que irão participar do **Simpósio Internacional Terra Habitável: um desafio para a humanidade**, terão as atividades validadas como complementares em seus currículos. O aproveitamento abrange os cursos de Ciências Biológicas – Bacharelado e Licenciatura Plena, Ciências Econômicas, Ciências Sociais – Licenciatura Plena (Currículo 4), Comunicação Social – Habilitações Jornalismo, Publicidade e Propaganda e Relações Públicas, assim como Direito – Bacharelado em Ciências Jurídicas e Sociais, Geologia e Licenciaturas em Física e Pedagogia. Estudantes de outras graduações interessados em validar as atividades devem procurar a coordenação de seus cursos.

O **Simpósio Internacional Terra Habitável** acontece nos dias 16, 17, 18 e 19 de maio, promovido pelo Instituto Humanitas Unisinos em parceria com seis programas de pós-graduação da universidade e o apoio de diversas instituições. Seu objetivo é comemorar o ano internacional da Física e homenagear o ano miraculoso do físico Albert Einstein, o centenário de nascimento do padre Balduino Rambo e o cinquentenário da morte do teólogo Teilhard de Chardin. As inscrições estão abertas. Informações detalhadas no sítio <http://www.unisinos.br/simposio/terra-habitavel/>.

Sala de Leitura

No último dia 5 de abril, foi realizada mais uma edição do evento Sala de Leitura. Na ocasião, o professor Dr. José Roque Junges apresentou o livro de sua autoria intitulado *Ética ambiental*. Confira a opinião de quem prestigiou o evento.

Ecoss do evento

“Achei o evento muito importante, assim como o tema do livro apresentado. Ele traz vários ensinamentos sobre ética ambiental que me fizeram concordar com as colocações do professor, que é o autor do livro. É importante que essa questão da ética ambiental seja divulgada para a comunidade. Os problemas ecológicos não são referentes apenas a procedimentos técnicos; eles envolvem outras questões. Gostei tanto que já comecei a ler o livro”.

Ivi Paludo Fuchs, assistente social do Hospital Centenário, de São Leopoldo.

“Tenho ido a diversos eventos promovidos pelo IHU, que são excelentes pela oportunidade de contato direto com autores e com pessoas que nos trazem conhecimentos interessantes para reflexão, como foi o caso da palestra sobre ética, ministrada pelo professor Junges. O tema da questão ambiental é muito atual, e ficou interessante apresentado com base no livro, uma excelente referência. É um tipo de tema que está dentro da transdisciplinaridade, já que não se explica nenhuma das relações da vida na terra se não olharmos esse lado transdisciplinar, que a Universidade coloca como valor, em uma visão extremamente integradora de todas as áreas do conhecimento. Foi possível interagir e conversar com o autor, o que foi muito enriquecedor, pois eu já tinha lido o livro”.

Lauro D'Ávila, professor na Unidade de Ciências da Comunicação da Unisinos.

IHU Idéias

DO BIG BANG A INTELIGENCIA

O último **IHU Idéias**, realizado dia 7 de abril, teve como tema *Do Big Bang à Inteligência*. Quem conduziu a discussão foi o Prof. Dr. Luiz Augusto Leitão da Silva, da Unidade de Ciências Exatas da Unisinos, que concedeu uma entrevista ao **IHU On-Line** na 135ª edição, de 4 de abril de 2005. O professor Luiz fez uma abordagem multidisciplinar ao falar sobre a origem e a evolução do universo, abordando aspectos da física, da química e até da paleontologia. Luiz Augusto Leitão chamou a atenção para a quantidade de coisas que aconteceram no universo para que pudéssemos estar aqui hoje. O uso de recursos audiovisuais como apresentação de slides e exibição de vídeos, tornou acessível a abordagem de um tema denso. O professor intercalou as exibições com explicações esclarecedoras, conduzindo a discussão para a reflexão do que o ser humano está fazendo hoje com o Planeta e a sociedade.

Ecoss do evento

“Achei a explicação bem acessível e esclarecedora para quem não é da área, como eu. Eventos como esse são muito válidos. Fiquei surpreso com a questão do surgimento dos elementos químicos. Sempre pensei que todos tivessem surgido já na explosão do Big Bang, a

qual gerou apenas três. Os demais elementos vieram da segunda explosão, na seqüência da anterior”.

José Juliano Kornelius, aluno do curso de Arquitetura na Unisinos.

“A palestra foi muito boa. O assunto é interessante, e o professor realmente sabe o que fala. Esse tema diz respeito à nossa realidade. Hoje estamos aqui, amanhã não sabemos. Uma catástrofe pode acontecer, e ainda não temos equipamentos para evitá-la”.

Daniela Volkart, aluna do curso de Física na Unisinos.

DIREITO: UMA VISÃO PRÁTICO-HUMANISTA

A próxima edição do evento **IHU Idéias**, a ser realizada na quinta-feira, dia 14 de abril, terá à frente o professor Dr. Antônio Carlos Nedel, da Unidade de Ciências Jurídicas da Unisinos, falando sobre o tema **Direito: uma visão prático-humanista**. O evento inicia às 17h30min e estende-se até as 19 horas, na sala 1G119 do IHU. O professor Antônio Carlos Nedel é graduado em Direito pela PUCRS, mestre em Direito com ênfase em Ciências Jurídico-Filosóficas pela Universidade de Coimbra, em Portugal, e doutor em Ciências Jurídicas pela Unisinos, com tese recentemente defendida, intitulada “*Tópica Dialética uma Clareira para o Desvelamento do Ser do Direito*”. Confira, abaixo, a entrevista por ele concedida, via e-mail, na última semana, ao **IHU On-Line**.

IHU On-Line - O que caracteriza a visão prático-humanista do direito?

Antônio Nedel - Quando nos referimos a uma visão jurídica de caráter prático-humanista, estamos pensando em uma metódica jurídica que tenha como pressuposto a condição de homem-sujeito, não redutível a um funcionalismo estratégico-prático que, tendo como fim uma lógica planificação social objetifica o homem; para adaptá-lo ciberneticamente ao instrumentalismo formal da ideologia tecnocrática. Em síntese, queremos dizer que o fundamento do direito não é a ciência nem a política, mas a ética.

IHU On-Line - Como surgiu esta visão e que autores estariam na base da sua formulação?

Antônio Nedel - A base desta concepção jurídica fundamenta-se na filosofia prática de raízes aristotélicas, hermenêuticas, criticamente refundida, pelo transmitódico e libertário conceito de aplicação jurídica proposto por Gadamer²⁷.

IHU On-Line - A que teorias do Direito ela se opõe? Qual é a importância da visão prático-humanista no contexto da sociedade contemporânea, caracterizada pela globalização econômica?

Antônio Nedel - Pensar juridicamente na pós-modernidade significa defrontar-se, problemática e radicalmente, com o relativismo desconstrutivista que hoje abala o conceito de direito e decreta a morte da pretensão metafísico-universalista, em nome da qual, lógica e normativamente, a partir do jus racionalismo, um subjetivismo abstratizante axiomatizou o Direito nos termos de um cientificismo racional-sistemático. Então, diante da crise do monismo legalista estatal como fonte absoluta do Direito, duas visões de caráter “prático”, emergem como alternativas críticas. Uma delas, vinculada epistemologicamente ao cientificismo

²⁷ Hans-Georg Gadamer, filósofo alemão, autor do importante livro **Verdade e método** (Petrópolis: Vozes, 1997), faleceu no dia 13 de março de 2002, aos 102 anos. Por essa razão, dedicamos a ele a matéria de capa do **IHU On-Line** número 9, de 18 de março de 2002. (Nota do **IHU On-Line**).

tecnológico, vê o prático em perspectiva pragmático-utilitarista, visualizando uma ordem social planejada e programada em termos estratégico-sistemáticos, que o instrumentalismo tecnológico viabiliza e torna eficiente. Ora, esta alternativa que transforma o juiz num mero tecnocrata e o Direito numa tecnologia social destituída de fundamento ético-normativo, embora possa ser eficaz, para nós não é jurídica, pois, o Direito não pode prescindir de um fundamento de validade. Na verdade, ela substitui o Direito, ao transformá-lo numa simples técnica de controle social. Já a alternativa prática que acima referimos, e com a qual nos identificamos, abandonando a racionalidade algorítmica e a instrumentalização analítica da sua lógica planificação, busca reviver a reinserção de uma concepção prático-jurídica de índole argumentativa e crítico-problemática que busca introduzir, na teleologia da sua práxis, uma intenção prático-normativa em imanência com a realidade concreta da histórico-social vivência humana. No contexto dessa opção prática, entendemos possível uma recuperação humanista do Direito e a autônoma subsistência do seu autêntico sentido, isto é, o Direito como uma resposta ontológico-antropológica que promana culturalmente da própria essência histórica da condição humana, sendo a salvaguarda da sua liberdade e dignidade.

IHU On-Line - Como essa visão está (presente ou ausente) no ensino do Direito e na prática do Direito no Brasil?

Antônio Nedel - O ensino jurídico brasileiro, em termos gerais, ainda mantém-se vinculado ao logicismo abstrato do normativismo de orientação kelseniana. No âmbito desta orientação teórica, a aplicação do Direito se reduz a uma operação silogística que procura subsumir o caso "concreto" ao sentido já a priori definido na norma, com a finalidade de garantir a sua concretização, por meio de procedimentos lógico-dedutivos. Ora, desta abstração lógico-metodológica, resulta um alheamento da realidade material que caracteriza o concreto problema jurídico. Nesse contexto, a sentença judicial, abstraída da realidade fática, se reduz ao jogo técnico das normas do sistema jurídico vigente. E assim, amparado na neutralidade formal que a condição de "ciência" lhe atribui, o aplicador do Direito pode desvincular-se das conseqüências morais da sua decisão, eis que, nesta perspectiva, a justiça é um problema metajurídico. Portanto, incumbe a um pensamento jurídico de índole crítica desconectar este reducionismo lógico e constituir-se em fonte orientadora de um ensino jurídico, assumir a idéia de justiça como fundamento ontológico do Direito.

TEOLOGIA DO DIALOGO INTER-RELIGIOSO

O último IHU Idéias do mês de abril de 2005 acontecerá no próximo dia 28 e terá como tema Teologia do Diálogo Inter-Religioso. O assunto será desenvolvido pela Prof.^a Dr.^a Cleusa Maria Andreatta, professora na Unisinos e colaboradora do IHU. IHU Idéias é um evento semanal gratuito, que acontece às quintas-feiras, das 17h30min às 19h, na sala 1G119 do IHU.

Confira a programação do IHU Idéias para o mês de maio

05/05/05 – "Biodiversidade em crise" - Prof. Dr. Carlos Roberto S. Dutra Fonseca – Unisinos
12/05/05 – "Floresta com Araucária, sua riqueza faunística e ameaças a esse bioma" – Prof. Dr. Emerson Monteiro Vieira – Unisinos

III Ciclo de estudos sobre o Brasil

Teve início na semana passada, dia 7 de abril, o **III Ciclo de Estudos sobre o Brasil**, promovido pelo Instituto Humanitas Unisinos. A palestra de abertura teve debatido o livro **Os Africanos no Brasil**, de Raimundo Nina Rodrigues, pela Prof.^a Dr.^a Eliane Deckmann Fleck, do PPG em História da Unisinos. Eliane Fleck falou sobre o livro em uma entrevista ao IHU On-Line na 135^a edição, de 4 de abril de 2005.

Ecoss do evento

“Gostei muito do evento. A professora conseguiu expor, de maneira clara, o tema do livro e as características do autor, Nina Rodrigues. Ela deixou transparecer o lado positivo e as questões negativas que permeiam a obra. Eliane Fleck não direcionou sua explanação apenas para um posicionamento sobre o livro, mas abriu para uma discussão mais atual sobre a questão do negro no Brasil. Ela conseguiu fazer essa reflexão com os participantes, para que as pessoas entendessem o porquê da discriminação do negro, muito presente no nosso dia-a-dia. É uma questão educativa, de reeducar para poder compreender”.

Adriani Faria, aluna do curso de Serviço Social na Unisinos e integrante do grupo ECAU.

“Gostei do modo como a Eliane dividiu a exposição, falando primeiro sobre o cenário político, depois sobre o autor, e, por último, falando do livro. Ela mostrou os nove capítulos da obra, falando um pouco sobre cada um. O intuito era fazer uma exposição do livro, e foi exatamente o que ela fez. Escolher uma obra de Nina Rodrigues foi muito bom, pois ele é um autor pouco estudado e pouco falado na academia. Apesar de ser visto como racista, as teorias dele têm seu valor. Por isso, é interessante que ele foi recuperado nesse sentido. Não é só de Gilberto Freire e Sérgio Buarque de Holanda que o Brasil é feito”.

Eduardo Roberto Soares Batista, aluno do curso de História na Unisinos.

Ciclo de estudos sobre o Brasil

A próxima edição do **Ciclo de estudos sobre o Brasil**, em Porto Alegre, será realizada no dia 13 de abril, próxima quarta-feira, das 19h30min às 21h30min, na Livraria Cultura do Bourbon Shopping Country. Na ocasião, o livro **Da senzala à colônia**, de Emilia Viotti da Costa, será apresentado pela Prof.^a Dr.^a Eloísa Capovilla da Luz Ramos, do PPG em História da Unisinos. Este evento faz parte da programação do projeto Quarta com Cultura Unisinos, uma série de atividades realizadas pelo Instituto Humanitas Unisinos em parceria com a Livraria Cultura, de Porto Alegre.

Ciclo de Estudos Repensando os Clássicos da Economia

O Instituto Humanitas Unisinos dá continuidade ao I Ciclo de Estudos Repensando os Clássicos da Economia, no próximo dia 14 de abril, com a palestra *Analisando o pensamento econômico de Malthus e Ricardo*, que será ministrada pelo Prof. Dr. Gentil Corazza, da UFRGS. Thomas Robert Malthus, nascido em 1766 e falecido em 1834, tem como sua principal obra **Ensaio sobre o princípio da população** (1798). David Ricardo, que nasceu em 1772 e faleceu em 1823, tem como título de sua principal obra **Princípios de economia política e tributação** (1817). Corazza é graduado e mestre em Economia pela Ufrgs, e sua dissertação intitula-se *Teoria Econômica e Estado*. Fez também doutorado em Economia na Unicamp, e sua

tese leva o título *A Interdependência dos Bancos Centrais entre o Governo e os Bancos Privados*. O professor é autor de **Teoria Econômica e Estado - de Quesnay a Keynes**. Porto Alegre: FEE, 1986 e **A Junta Comercial no contexto da economia do Rio Grande do Sul** (com Pedro Cezar Dutra Fonseca). Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2003. Entre outros, também organizou a obra **Métodos da ciência Econômica**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2003. Ele foi entrevistado pelo **IHU On-Line**, na 125ª edição, de 29 de novembro de 2004, sobre a política econômica do governo nacional. O evento da próxima quinta-feira acontecerá das 14h às 17h, na sala 1G119 do IHU. O professor Corazza concedeu uma entrevista ao **IHU On-Line**, por e-mail, na semana passada, comentando a importância para as Ciências Econômicas dos dois autores que serão estudados.

IHU On-Line - Fazendo uma releitura contemporânea, qual é a principal contribuição de Malthus?

Gentil Corazza - A atualidade da questão demográfica, uma preocupação permanente da sociedade e dos governantes. A relevância de Malthus está em ter levantado o problema do crescimento explosivo da população, especialmente da pobreza, mas a solução que propôs merece críticas, pois ele afirmou que os pobres são os principais responsáveis pela sua pobreza e eles são pobres porque crescem sem controle. Nada seria possível fazer para resolver o problema, que é um problema natural, e não social, então a solução também deveria ser natural, a natureza mesma se encarregaria de resolver, através da fome, da miséria e da morte.

IHU On-Line - Como ele se preocupa e interpreta seu contexto socioeconômico pós-revolução industrial? Qual era, na sua visão, o papel do Estado e como essa idéia se chocava com as idéias predominantes da época?

Gentil Corazza - As idéias econômicas de Malthus se chocavam com as idéias dominantes, especialmente as de Ricardo, pois, para ele, a economia industrial não era auto-regulada, tinha um grave defeito, a falta de demanda para os produtos abundantes da Revolução Industrial. A falta de demanda efetiva decorria do baixo poder de consumo da sociedade. A capacidade de produção da máquina industrial era superior à capacidade de consumo, porque os trabalhadores recebiam apenas salários de subsistência, e os capitalistas eram muito avarentos, consumiam pouco para poder investir mais e, quanto mais investiam, mais sobravam produtos. Qual a solução? Intervenção do Estado em obras públicas, para empregar mais trabalhadores e gerar mais renda. Mas esta também era apenas um paliativo. A classe proprietária de terra ajudaria a resolver o problema, pois ela gastava toda sua renda no consumo dos produtos excedentes.

IHU On-Line - Quais os aspectos que, nas teses de Malthus, ficaram mais superados por autores posteriores?

Gentil Corazza - O que ficou mais superado foi sua idéia de que a terra não poderia produzir alimentos necessários para alimentar a população, faltou-lhe a idéia do progresso técnico aplicado à agricultura, que superaria a baixa fertilidade da terra. Também não tinha base científica nenhuma sua teoria de que a população cresceria a uma taxa geométrica, enquanto os alimentos só poderiam aumentar a uma taxa aritmética.

IHU On-Line - Quais as semelhanças e diferenças entre Malthus, Keynes e Ricardo?

Gentil Corazza - Malthus e Ricardo pensavam as tendências de longo prazo da economia, defendiam a teoria do valor trabalho e as leis da distribuição do produto entre as três classes sociais, os trabalhadores, os capitalistas e os proprietários de terra. Mas ambos divergiam em

relação aos interesses que defendiam: Ricardo defendia os capitalistas industriais, e Malthus, os proprietários de terra. Ricardo defendia a Lei de Say, que a oferta gera sua própria demanda, ou seja, que não haverá crises econômicas profundas, que a economia é um mecanismo auto-regulado, e Malthus criticava a Lei de Say, dizendo que haveria crises econômicas por falta de demanda, que a oferta não gera a demanda efetiva necessária para consumir toda a produção. Malthus e Keynes concordavam que havia sempre um problema de falta de demanda efetiva, para garantir o emprego da mão-de-obra e evitar as crises econômicas.

IHU On-Line - Qual é a principal contribuição de Ricardo, também, com base em uma releitura contemporânea? Quais as principais limitações de suas teses e as principais críticas que recebeu?

Gentil Corazza - A principal contribuição de Ricardo foi ter pensado a economia no longo prazo, as grandes tendências estruturais, guiadas por leis econômicas fundamentais. Embora ele não aceitasse a idéia de planejamento, porque era liberal, ter nos ensinado a pensar o longo prazo, é muito importante e atual, pois isso permite antever e prevenir os problemas, antecipando soluções.

IHU On-Line - Em que sentido o Arquiteto da Teoria Quantitativa da Moeda poderia ajudar a compreender as arquiteturas contemporâneas de nossas moedas?

Gentil Corazza - A Teoria Quantitativa da Moeda é uma teoria muito pobre para ajudar a compreender os fenômenos monetários e financeiros contemporâneos. Ela foi concebida e podia ajudar a compreender o funcionamento da economia, quando a moeda era a mercadoria ouro, uma economia muito simples ainda, em que as funções da moeda também eram simples, mas hoje, a moeda assumiu uma outra dimensão, muito mais complexa, o Banco Central tem dificuldade de controlar a moeda e o crédito privado, oferecidos pelos bancos e outras instituições financeiras. A moeda assumiu a forma de capital monetário e financeiro, acumulado em grandes quantidades nas mãos privadas, que se movimentam entre países, sem controle, causando crises e problemas para as economias nacionais, especialmente as da periferia.

IHU On-Line - Como ambos os autores poderiam apontar ferramentas de interpretação da situação econômica brasileira atual?

Gentil Corazza - Tanto Ricardo quanto Malthus foram teóricos, mas que não descuidaram os problemas práticos da economia da Inglaterra do seu tempo. Esta talvez seja a principal lição que podemos tirar desses autores para entender e atuar sobre a economia brasileira atual. Eles nos ensinaram a pensar os problemas econômicos práticos de sua época e atuar sobre eles. Eles foram criativos na elaboração de conceitos para entender o seu tempo, muitos deles já não se aplicam hoje, mas podemos aprender a criar conceitos, para entender em profundidade a situação da economia brasileira atual e procurar soluções.

Diálogo inter-religioso: dos “cristãos anônimos” às teologias das religiões

Karl Rahner ao falar de “cristãos anônimos”, “mediou o caráter absoluto do cristianismo com a natureza religiosa do ser humano que também deve ter a possibilidade de ser salvo, mesmo que não conhecesse, de forma explícita, o Cristo. Com esse conceito, que significa que possa haver salvação fora da Igreja, Rahner abriu espaços para o diálogo inter-religioso com o Concílio Vaticano II. Essa abertura inicial foi-se, ao longo das décadas, desenvolvendo em uma

empreitada, envolvendo muitos teólogos e teólogas, tanto católicos quanto protestantes, rumo a uma teologia das religiões”, escreve Rudolf Eduard von Sinner, professor de Teologia Sistemática, Ecumenismo e Diálogo Inter-Religioso na Escola Superior de Teologia (EST), em São Leopoldo, em artigo publicado nos **Cadernos Teologia Pública**, nº. 9, que acaba de ser lançado.

O autor, nascido em Basel, na Suíça, pastor da IECLB, apresenta, num primeiro momento, um panorama dos modelos de relacionamento inter-religioso, seguido por uma breve exposição da compreensão de Karl Rahner sobre os “cristãos anônimos”. Num terceiro capítulo, descreve a posição de Raimon Panikkar sobre o “Cristo desconhecido” e, num quarto momento, sua hermenêutica “cosmoteândrica”. Por fim, o autor sugere uma “hermenêutica da confiança” como base do diálogo inter-religioso.

Cadernos Teologia Pública é uma publicação do Instituto Humanitas Unisinos e pode ser adquirido na Livraria Cultural, no câmpus da Unisinos, ou pelo endereço humanitas@unisinos.br

O Vampirismo no mundo contemporâneo

Vampirismo é o tema do nº. 33 dos **Cadernos IHU Idéias**, que acaba de ser publicado. O texto é de autoria de Marcelo Pizarro Noronha, professor de Sociologia das Organizações e do Trabalho e de Ética Profissional na Escola Técnica da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

“O que é, afinal, o vampirismo? Um movimento anti-religioso? Uma prática em busca do auto-perfeccionamento? Loucura? Alienação? Não existe, na verdade, um consenso sobre tal conceito, mas muitos pesquisadores desta temática afirmam que é crescente o número de grupos que se organizam para estudar – e praticar – o vampirismo, em diferentes regiões do mundo”. Para o autor, “o fato de os ‘vampiros’ serem cada vez mais jovens pode ser explicado pelo papel da indústria cultural”.

O artigo se divide nos seguintes subtítulos: Os vampiros: história e sentidos; Drácula, de Bram Stoker; os vampiros literários; os vampiros cinematográficos e videográficos; os vampiros musicais; brincando de vampiro e os jovens vampiros.

Os **Cadernos IHU Idéias** podem ser adquiridos na Livraria Cultural, no campus da Unisinos, ou pelo endereço humanitas@unisinos.br

[\(Voltar ao índice\)](#)



IHU REPÓRTER

Cleusa Andreatta

*Na edição desta semana, o **IHU On-Line** apresenta aos seus leitores Cleusa Andreatta, colaboradora do Instituto Humanitas Unisinos desde março de 2004. A preocupação social e o trabalho com os socialmente excluídos são fios condutores da escolha de vida feita por Cleusa: ser uma religiosa da Congregação da Divina Providência. Autoconfiante e prudente ao mesmo tempo, Cleusa gosta de desafios e de trabalhos em grupo. Ao*

contar sua história, ela se define como uma pessoa muito inquieta e fortemente desafiada pela realidade do sofrimento humano, nas suas várias expressões, sobretudo na questão da miséria e da injustiça.

Origens – Nasci em Miraguaí, zona rural ao norte do Rio Grande do Sul, próximo ao município de Três Passos. Sou filha de agricultores, a única filha mulher, cresci entre seis irmãos homens, três mais velhos e três mais novos do que eu. Trabalhávamos na roça. Desde muito pequenos, nós vivemos a experiência de articular o trabalho com o estudo e o lazer. No meio rural, tudo isso funciona em conjunto. Enquanto a gente brincava, também trabalhava, e isso nunca era problema. O trabalho era um espaço de criatividade. Inicialmente, morei em Miraguaí até os 10 anos. Depois, nos mudamos para Campo Novo, para que eu e meus irmãos pudéssemos dar continuidade aos estudos. Depois de quatro anos em Campo Novo, voltamos para Miraguaí. No lugar onde moramos, vivi intensamente a ligação com a comunidade, o que aprecio muito.

Formação – Comecei meus estudos na Escola Municipal de Sítio Gabriel, em Miraguaí, onde estudei até a 4ª série. Cursei da 5ª série até o 3º ano do curso ginásial, em Campo Novo, na Escola São Francisco de Salles. Depois, retornando para Miraguaí, concluí o ginásial no Colégio Fagundes Varela. Com 18 anos, mudei-me para Itapiranga, no oeste catarinense, onde cursei o segundo grau. Em 1985, ingressei na graduação em Teologia na PUCRS. Cursei o mestrado em Teologia de 1992 a 1994, no Centro de Estudos Superiores, em Belo Horizonte. A área de concentração foi antropologia teológica. Paralelamente, fui fazendo o Curso de Filosofia. Fiz o doutorado em Teologia na PUC-Rio, de meados de 1999 a meados 2003. Nele, meus estudos se concentraram mais na teologia das religiões, na questão do pluralismo religioso.

Profissão – Comecei a lecionar com 16 anos de idade, na Escola de Sítio Gabriel e depois optei por lecionar em Lajeado Moinho, no interior de Miraguaí, atendendo a uma demanda local. Era uma região muito carente e isolada. Ninguém queria lecionar lá e eu aceitei. Ia a cavalo num trajeto que durava cerca de 40 minutos. Até hoje eu encontro meus alunos naquela região. Trabalhei com alunos de 1ª à 4ª série, desde a alfabetização. Mais tarde, lecionei no Colégio São Vicente, das Irmãs da Divina Providência, em Itapiranga. Quando concluí a graduação em Teologia fui convidada a trabalhar na Diocese de Chapecó, integrando uma equipe de coordenação diocesana de pastoral urbana. Continuei lecionando em uma escola estadual em Chapecó, durante dois anos. Em 1994, retornei para o Rio Grande do Sul e passei a lecionar Teologia na Escola Superior de Teologia e Espiritualidade Franciscana (ESTEF), onde fiquei até o ano passado. De 1997 a 1998, também lecionei Teologia no Unilasalle. Comecei a trabalhar na Unisinos, em março de 2004. Fui convidada pelo padre José Ivo Follmann para colaborar no Programa Gestando o Diálogo Inter-Religioso e o Ecumenismo (GDirec) do Instituto Humanitas Unisinos. Juntamente com este trabalho, assumi aulas de Ética e de Bioética.

Vida religiosa – A vontade de ser irmã me fez ir para Itapiranga, em Santa Catarina, aos 18 anos, onde havia comunidades das Irmãs da Divina Providência. Elas me cativaram pela experiência de uma liberdade muito grande para o trabalho, pelo compromisso concreto com a comunidade local e pela sensibilidade, proximidade e cuidado para com as pessoas. Isso foi me chamando a atenção como um caminho de vida, e eu quis conhecer, de perto, esta proposta. Eu trabalhava com as irmãs, no colégio, para pagar meu estudo e minhas despesas. Em 1980, decidi ingressar na Congregação. A descoberta da vocação nunca foi algo mágico para mim; eu mesma sempre fui muito crítica com isso tudo. Cursei os primeiros anos de formação religiosa

específica, postulado, noviciado e parte do juniorado em Porto Alegre. Em 1983 e 1984, morei em Canoas, continuando ali minha formação. No início de 1984, assumi meus primeiros votos como irmã. Retornei para Porto Alegre, no início de 1985 e desde então comecei a colaborar na formação de outras irmãs mais jovens. Além disso, sempre dediquei um tempo significativo, por opção minha, à formação de lideranças em cursos de Teologia para leigos. Atualmente, integro a equipe teológica da Conferência dos Religiosos do Brasil, aqui no Estado. A vida religiosa é desafiadora, mas é um caminho fascinante de poder dizer que a proposta do Evangelho é muito concreta e possível, que é um caminho que dá para palmilhar no cotidiano, vivendo uma dinâmica muito intensa de misericórdia, de reconciliação. Este ano, dia 16 de agosto, completo 25 anos de vida religiosa, meu jubileu.

Preocupação social – Este é um dos fios condutores de minha escolha de vida. Isso marca minha história desde a infância, porque minha família tinha esse compromisso com famílias mais pobres e carentes. Já na época em que trabalhava com as Irmãs da Divina Providência, em Itapiranga, assumi trabalhos com grupos da periferia, com jovens e mulheres, na área de catequese e assistência social. Quando morei em Porto Alegre e em Canoas, mantive sempre forte esse engajamento. Eu tinha todo um envolvimento com as Comunidades Eclesiais de Base. De 1985 a 1988, me envolvi muito com as CEBs da zona sul de Porto Alegre. Em Belo Horizonte, atuei em comunidades de base, em um trabalho de formação de lideranças, em que os jesuítas atuam intensamente.

Família – Minha família sempre me respeitou e acompanhou de perto em minha opção de vida e em minhas buscas. Todos me acolhem muito bem. Eles se casaram e tiveram filhos. Minha sobrinha mais velha tem 18 anos e o mais novo tem 10 anos. Dois irmãos moram em Porto Alegre, um em Curitiba e dois em Santa Maria. O caçula faleceu, aos 24 anos, em 1989, em um acidente de moto. Foi uma experiência muito dolorosa, pois ele foi o irmão que todos carregamos no colo, que ajudamos a cuidar desde o dia em que nasceu. Faz tempo, mas parece que foi ontem.

Autores - Edward Schillebeeckx, Jürgen Moltmann, Guimarães Rosa, Kahlil Gibran, Machado de Assis, Adélia Prado, Emmanuel Levinas, Martin Buber e os filósofos existencialistas.

Livro – *Cacos para um vitral* e *O homem da mão seca*, de Adélia Prado; *O Deus crucificado* e *Deus na criação*, de Jürgen Moltmann; e toda a obra de Edward Schillebeeckx.

Filme – *Um canto de esperança*, de Bruce Beresford.

Um presente – Livro de poesias.

Nas horas livres – Dirigir, viajar de carro, e ir ao cinema. A música está no meu dia-a-dia. Para relaxar, toco flauta e violão. Sei tocar muito pouco, mas gosto muito.

Uma meta e um sonho – Eu sou de querer coisas demais. Uma meta a alcançar em breve é ter mais tempo livre para leitura. Um sonho seria uma realidade social mais justa, um mundo sem tanta dor, miséria e sofrimento.

Momento marcante – Minha vida, em termos de sentidos e valores, possui um marco divisor; ela se divide em antes e depois da morte do meu irmão. Sem fazer uma análise dramática ou

nostálgica, esse fato me fez repensar a vida, os valores, a dimensão de gratuidade, de beleza, de viver a vida pelas coisas que valem realmente a pena.

Unisinos – Uma instituição que tem a coragem de estar lá na frente discutindo temas pertinentes e relevantes. É muito significativa a visibilidade que a Unisinos está ganhando com os Simpósios promovidos pelo IHU. Ela puxa a caminhada e não simplesmente corre atrás. Marca presença nas questões amplas e significativas da sociedade de hoje. Ao mesmo tempo, a Unisinos mantém uma forte presença local com diversos projetos voltados à comunidade da região.

Instituto Humanitas Unisinos – Espaço que me desafia muito e me provoca a dar passos e alargar meu olhar de teóloga em diferentes direções. A proposta transdisciplinar do IHU ocupa um espaço privilegiado, exatamente pelo caminho da dimensão *humanitas* na Universidade.

[\(Voltar ao índice\)](#)

Sala de Leitura

"Indico o livro ***Música na Educação Infantil***, de Teca Alencar de Brito (São Paulo: Peirópolis, 2003), que aborda os diferentes níveis de desenvolvimento da criança em cada faixa etária. A autora também fala sobre a criação musical e sua função na educação infantil, bem como a importância da sonorização das histórias e canções. Ao final, também é abordada a questão da grafia musical para a educação infantil".

Elisabeth Hack, professora de Educação Musical na Unidade de Ciências Humanas da Unisinos.

"Atualmente estou lendo o livro intitulado ***Que é uma coisa?, Doutrina de Kant dos Princípios Transcendentais***, de Martin Heidegger, tradução de Carlos Morujão. Lisboa: Edições 70, 1992. 237p. O texto explora uma parte da proposta de Immanuel Kant, a saber, aquela alinhavada na ***Crítica da Razão Pura***. Assim, a partir do estudo sobre a "coisa", surge a noção de "coisa em si", ou seja, tudo aquilo que não é acessível pela experiência, e "a coisa para nós", que representa o fenômeno acessível pelo homem por intermédio da experiência. O interessante, nesta reflexão, é que "coisa", pode ser uma pedra, uma planta, um animal ou um acontecimento social, ou seja, sempre é aquela coisa. E cada um destes exemplos é único e singular. Ao lado disso, o livro destaca a importância da filosofia proposta por Kant e o seu modo de abordar o conhecimento. A perspectiva clássica, por ser objetiva, valorizava o objeto de estudo em detrimento do sujeito. Já a concepção moderna, especialmente com a contribuição de Kant, passa a encarar o conhecimento sob o viés subjetivo, ou seja, o sujeito é o lado mais importante, que se sobrepõe ao objeto. Vale destacar também que a obra apresenta, nesta linha de idéias, a concepção da metafísica kantiana. Por fim, a obra é uma espécie de roteiro para a leitura e compreensão da ***Crítica da Razão Pura de Kant***.

Prof. MS Wilson Engemann, mestre e doutorando em Direito na Unisinos, professor de Introdução ao Estudo do Direito e coordenador adjunto do Curso de Direito da Unisinos.

[\(Voltar ao índice\)](#)

Cartas do leitor

Prezados:

A revista sobre a mística chegou na 5ª feira, dia 31 de março, e, embora a estivesse esperando há tantos dias, não me ocorreu imaginar a capa. Foi um choque! Jamais imaginaria uma capa assim. E o título... foi demais! Sabe que nem peguei direto para ler? Esperei mesmo o domingo, para curtir melhor, e está sendo ótimo.

As ilustrações são mais que lindas. Tenho vontade de plastificar a capa colorida, para não estragá-la. Dos artigos que li, as figuras são super-expressivas, como o do Ernesto Cardenal, Monja Coen é a mística inaciana. E o da mulher adúltera, ou melhor, a do artigo do Marcelo Barros - é impressionante demais! Também adorei aquele pai de santo, bom samaritano, do poema Pentecostes.

Não acabei de ler hoje porque não dá para fazer leitura dinâmica. Estou lendo também as notas, por exemplo, as da entrevista do Faustino Teixeira.

Estou gostando de tudo, de alguns mais, de outros menos, é claro. Fiquei surpreendida com a Monja Coen, bem melhor que no Fórum Social Mundial. O do Lama Samten é mais teórico.

Ainda ontem tinha lido, com tanta coisa que se escreveu sobre João Paulo II, sobre aquela foto em que ele tem o dedo em riste sobre o Ernesto Cardenal. Gostei demais do artigo-testemunho dele. Também gostei muito do Marcelo, ele está mais feliz do que na carta de Páscoa, onde parece bem sofrido com toda a situação da Igreja. E me surpreendi com a mística inaciana - tão simples e tão vital. Adorei!

Para sintetizar: fascinante! Boa continuação de trabalhos para vocês, pois está valendo a pena. Abraços e beijos, com o meu muito obrigada.

Maria Soares de Camargo

Campinas, 3 de abril de 2005.

Olá,

Ficou excelente a edição do Boletim IHU On-Line nº. 135, com ótimas entrevistas. Parabéns!

Carlos Alberto dos Santos, professor do Instituto de Física da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), entrevistado na referida edição.

[\(Voltar ao índice\)](#)

EXPEDIENTE:

IHU On-Line é uma publicação semanal do Instituto Humanitas Unisinos – IHU –, da Universidade do Vale do Rio dos Sinos - Unisinos. Diretor do IHU: Prof. Dr. Inácio Neutzling (inacio@unisinos.br). Diretora Adjunta: Profª Dr.ª Hiliana Reis (hiliana@icaro.unisinos.br). Gerente Administrativo: Jacinto Schneider (jacintos@unisinos.br). Redação: Inácio Neutzling, Sonia Montañó (soniam@unisinos.br), Pedro Luiz S. Osório (posorio@bage.unisinos.br) Mtb 4579, e Graziela Wolfart (grazielaw@unisinos.br). Revisão: Profª Mardilê Friedrich Fabre (mardile@unisinos.br). Consultoria: Agência Experimental de Comunicação (AgexCom). IHU On-Line circula às 2ªs feiras via e-mail e pode ser acessado no sítio www.ihu.unisinos.br. Sua versão impressa circula na Unisinos terças-feiras pela manhã, a partir das 8h. Endereço: Av. Unisinos, 950 – São Leopoldo, RS. CEP 93022-000 E-mail: ihuonline@unisinos.br . Fone: 51 591.1122 – Ramais 4121 ou 4128. E-mail do IHU: humanitas@unisinos.br . Ramais: 1173 e 1195.



INSTITUTO
HUMANITAS
UNISINOS